



## SUMÁRIO

<b>34404 - HISTÓRIA DA ESCRITA: UM MUNDO DE DESCOBERTAS E EXPERIÊNCIAS</b> Liliane De Bem Vieira, Alicia De Brida Andrade, Gislene Camargo.....	2
<b>34914 - INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: AS CORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL, ALÉM DA IMAGINAÇÃO</b> Gisele da Silva Milanez, Morgana Marcelino, Gislene Camargo .....	9
<b>35305 - A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO</b> Diana da Cunha, Desirée Aparecida Oliveira, Gislene Camargo.....	15
<b>35419 - UMA VISÃO ALÉM DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO, A PARTIR DE UMA PRÁTICA DO PIBID</b> Vanessa Budny Boaventura, Thainá Serafim Pereira, Gislene Camargo .....	23
<b>35486 - BRINCANDO COM AS PALAVRAS: APROXIMANDO A FAMÍLIA DA ESCOLA POR MEIO DA LEITURA</b> Karen Silva Bitencourt da Silva.....	40
<b>35489 - EXPERIÊNCIAS SENSITIVAS NA PRÉ-ESCOLA COMO METODOLOGIA INCLUSIVA</b> Karen Silva Bitencourt da Silva <sup>1</sup> , Márcia Bertan de Oliveira <sup>2</sup> .....	49
<b>37625 - ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA</b> Beatriz Teixeira Back, Aline Dagostin Spillere, Patrícia Tavares Nichele, Gislene Camargo. .....	56



## Trabalho completo de relato de ensino

### 34404 - HISTÓRIA DA ESCRITA: UM MUNDO DE DESCOBERTAS E EXPERIÊNCIAS

Liliane De Bem Vieira, Alicia De Brida Andrade, Gislene Camargo

Pibid, pedagogia, UNESC. Criciúma/SC – Brasil.

No primeiro semestre do ano de 2017 no subprojeto de Pedagogia do PIBID da Universidade do Extremo Sul Catarinense, voltado para a área de alfabetização, teve atuação em duas escolas do município de Criciúma (SC). Durante este semestre, a partir de um tema da sequência didática foi desenvolvido um plano de aula e aplicado neste período, no qual foi abordado o tema “As letras do alfabeto” na Educação Infantil. Neste artigo serão relatadas e discutidas as atividades aplicadas pelas alunas bolsistas do PIBID na escola Padre Paulo Petruzzellis, ressaltando a importância de conhecer a história da escrita na Educação Infantil tendo de referência autores como Neta (2003) e Soares (2011), Diretrizes Curriculares da Educação Infantil da rede municipal de ensino de Criciúma e entre outros.

**Palavras-chave:** História da escrita, crianças, Educação Infantil, letras e Pibid.

## 1 INTRODUÇÃO

O tema do presente artigo “História da escrita: Um mundo de descobertas e experiências” surgiu por meio de experiências vivenciadas no subprojeto PIBID de Pedagogia, da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Este tema foi escolhido a partir da nossa atuação na Educação Infantil, no grupo 5 da escola Padre Paulo Petruzzellis do município de Criciúma (SC). Na Educação Infantil desta escola, a metodologia utilizada é a Sequência Didática, no primeiro semestre o tema desta turma era “O Senhor Alfabeto”, sendo que para o assunto não se repetir a professora regente trabalha este tema, a professora itinerante que é a nossa professora supervisora trabalha o nome das crianças e nós bolsistas as letras do alfabeto.

A princípio foi um desafio trabalhar com a sequência didática sem interferir ou repetir o plano das outras professoras. A partir de conversas entre o nosso grupo de bolsistas chegamos à conclusão que trabalharíamos as letras do alfabeto a partir da história da escrita para que assim a aprendizagem das letras tivessem significados para as crianças.

Esse artigo tem como finalidade refletir sobre a importância de trabalhar a escrita a partir da história da escrita na Educação Infantil. Classificam-se como objetivos



específicos desse trabalho definir na literatura a importância das crianças conhecerem a história da escrita, descrever as atividades desenvolvidas no PIBID a partir deste tema “História da escrita” e pesquisar a importância destas atividades terem sido desenvolvidas na Educação Infantil.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A IMPORTÂNCIA DE CONHECER A HISTÓRIA DA ESCRITA

No início do semestre de 2017 fomos para a escola para atuarmos, a nossa professora supervisora propôs que nosso plano seria sobre as letras do alfabeto, dando continuidade a sequência didática “O senhor alfabeto”. O nosso grupo então entrou em um acordo que nosso plano seria sobre a história da escrita, relacionando com atividades sobre as letras do alfabeto conforme a professora tinha solicitado.

Deste modo as crianças iriam conhecer como era realizada a escrita antigamente, o que utilizavam para escrever, sendo então uma nova descoberta e experiências, pois em nossas atividades as crianças voltaram no tempo e utilizaram materiais como nossos ancestrais para escrever.

Para as crianças compreenderem a importância da escrita, é importante que conheçam a história. Conforme afirma Neta (2003) “Para que seja possível a compreensão da importância da escrita para o desenvolvimento da humanidade, é interessante que a mesma seja vista inserida na história através das referidas fases e etapas, as quais tiveram o seu surgimento por meio da escrita”.

Deste modo como afirma a autora, para compreender a importância da escrita para o desenvolvimento da humanidade, é importante conhecer o passado, foi então desta forma que propomos para as crianças voltar ao passado, conhecer com o que e como escreviam as pessoas antigamente. Esse aprendizado sendo na Educação Infantil foi o que ainda mais incrementou, pois eles estão começando a se familiarizar com a escrita, com as letras e conhecer como era antes foi um momento encantador.

Propiciar momentos em que as crianças consigam aprender, criando um significado das atividades para si é fundamental, pois assim ela vai ter mais vontade de



aprender e ir à busca de novos conhecimentos saindo do ensino repetitivo e entediante e aumentando a produtividade das aulas. Para Soares (2011)

"A função da escola, na área de linguagem, é introduzir a criança no mundo da escrita, explorando tanto a língua oral quanto a escrita como forma de interlocução, em que quem fala ou escreve é um sujeito que em determinado contexto social e histórico, em determinada situação pragmática, interage com um locutor, também um sujeito, e o faz levado por um objetivo, um desejo, uma necessidade de interação".

Como afirma Soares o papel da escola, dos educadores é de introduzir as crianças no mundo da escrita, na qual esse processo ocorre geralmente na Educação Infantil de forma prazerosa, com interações entre eles tendo a ludicidade como base. Conforme Corrêa e Marcineiro (2016, p.211)

É importante dizer que, nesta fase de articulação, trabalhar com o lúdico nas práticas educacionais é essencial. As crianças precisam aprender brincando, pois, assim, elas criarão os alicerces de sua personalidade. A ludicidade é fundamental, pois contribui para a sua formação humana.

Desse modo o processo na Educação Infantil da alfabetização é informal, então os professores podem estar trabalhando de forma mais lúdica, levando diversas atividades/brincadeiras para introduzirem as crianças no mundo da escrita.

## 2.2 DIFERENTES MATERIAIS PARA O REGISTRO ESCRITO

A primeira atividade do plano teve como objetivo que as crianças conhecessem a história da escrita e identificassem às letras que já conheciam, deste modo as bolsistas tiveram um diagnóstico das crianças, quais as letras que já conheciam.

Antes da leitura do livro foram feitas perguntas sobre a escrita, desafiando as crianças para escutar a história. Após a contação da história "O livro do lápis" da autora Ruth Rocha as crianças desenharam numa folha de papel o que mais chamou a atenção, mas as crianças não desenharam com o lápis e sim com o carvão, como os ancestrais. A partir do objeto desenhado escreviam ao lado uma letra que fazia parte do objeto desenhado, por fim todos os desenhos foram expostos no mural da escola. Para as crianças foi uma experiência singular, pois foi a primeira vez que utilizaram o carvão para registrar.



Em outra atividade, as crianças produziram uma letra do alfabeto com argila e falavam palavras que continha à determinada letra, utilizar a argila para escrever, causou espanto nas crianças, mas relacionaram com a escrita na argila utilizada por povos antigos. Desse modo, utilizou-se o cinema da escola campo para passar o filme “Os Croods” dirigido por Chris Sanders e Kirk De Micco, (2013). A história deste filme ocorre na era pré-histórica, desta forma as crianças perceberam como era a escrita na época das cavernas e puderam comparar e ver como evoluiu até chegar a que conhecemos nos dias atuais.

As crianças também tiveram a experiência de construir uma caverna na sua sala de aula com auxílio das bolsistas, depois de construída as crianças deixaram sua marca nas paredes da caverna, com carvão e com a tinta guache. Após a atividade, a caverna ficou exposta para que as crianças pudessem brincar e usar sua imaginação e se sentirem como os homens da caverna.

Todas as atividades propiciaram momentos em que as crianças puderam aprender de forma lúdica, com brincadeiras e atividades que desenvolviam seu cognitivo, a cada aula pode-se perceber a evolução das crianças em relação ao conhecimento das letras e aos poucos elas conseguem cada vez mais relacionar as letras do alfabeto com as palavras que veem no cotidiano.

De acordo com Milioli (2016) o desenhar e o pintar, utilizando traços, cores, dão oportunidades para as crianças se expressarem, sem ter a influencia dos padrões estéticos do mundo adulto. As crianças tem esse direito de se expressar, no prazer e no lúdico, em nossas atividades foi desenvolvidas desta forma, assim este aprendizado foi instigante para elas.

Desta forma a ludicidade é um importante aliado, que pode ser usado em diversas formas durante o processo de aprendizagem, na qual na nossa atuação no Pibid trouxe resultados muito positivos, pois utilizamos o lúdico de diversas formas.

### 3 METODOLOGIA

Esse artigo tem como problema qual a importância de trabalhar a história da escrita na Educação Infantil, que resultou a partir de uma prática pedagógica realizada através de um plano de aula de acordo com o tema da sequência didática “O senhor



alfabeto”. O nosso grupo é formado por cinco bolsistas, que atuamos uma vez por semana na Educação Infantil, no grupo V e possui vinte e seis crianças a turma. Para elaborar o plano nos reunimos na Universidade do Extremo Sul Catarinense, na qual todas participam, contribuem para a elaboração e posteriormente a execução.

O procedimento do artigo é um relato de ensino. Conforme Demo (2001) é fundamental a teoria e a prática, são indissociáveis, pois ambas precisam da essência da outra, na qual esse artigo é uma reflexão da prática em sala de aula do PIBID.

Esse presente artigo foi utilizado a pesquisa exploratória, conforme Gil “essa pesquisa tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é bastante flexível. Embora o planejamento da pesquisa exploratória seja bastante flexível, na maioria dos casos assume a forma de pesquisa bibliográfica” (2007, p.41). Nesta pesquisa foi utilizado a pesquisa bibliográfica, pois como afirma Gil na maioria das vezes utiliza esses dois tipos de pesquisas. Ainda conforme Gil (2007) essa pesquisa é desenvolvida a partir de materiais já elaborados, como livros e artigos.

Ainda de acordo com Demo (2001, p.64) “ A verdadeira aprendizagem é aquela construída com esforço próprio através de elaboração pessoal”. Deste modo como afirma Demo sobre o princípio científico e educativo, que segundo ele surge a partir do tema escolhido, neste presente artigo foi escolhido a partir da nossa vivência do PIBID e com esforço elaboramos este artigo que tem como objetivo analisar a importância de trabalhar a história da escrita na Educação Infantil.

#### 4 EXPERIÊNCIA DE ENSINO

No primeiro semestre foi elaborado pelas bolsistas uma sequência didática a partir do tema “As letras do alfabeto” determinado pela professora supervisora, nesta sequência tinha atividades de interação, colaboração, brincadeira, usando a imaginação e a criatividade.

A partir desta temática foi elaborado este presente artigo. Este artigo para realizar foi utilizado a pesquisa bibliográfica, para ressaltar a importância das crianças conhecerem a história da escrita, desta forma associamos a teoria com a prática.



Com esta sequencia as crianças tiveram a oportunidade de conhecer como surgiu a escrita, o que utilizavam para escrever, tiveram experiências com os materiais que os nossos ancestrais utilizavam, desta forma trouxe consigo momentos prazerosos, encantadores, tornando assim experiências únicas, tanto para as crianças, como para nós bolsistas.

## 5 CONCLUSÃO

Esse artigo relatou a importância de trabalhar a história da escrita por meio de atividades lúdicas na Educação Infantil, na qual percebemos que foi de extrema importância essas atividades terem sido executadas, as crianças conseguiram dar um significado para a escrita que estava sendo ensinado, o que tornou o aprendizado mais produtivo. Desta forma eles perceberam por meio das atividades a importância da escrita, descobriram e vivenciaram os materiais que eram utilizados pelos ancestrais para a escrita e ao mesmo tempo estavam sendo introduzidos neste mundo das letras.

## REFERÊNCIAS

CORRÊA, Adria Vanusa; MARCINEIRO, Silvana Alves Bento. O fazer pedagógico na Educação Infantil– Transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental: Um olhar sobre a infância. In: CORRÊA, Adria Vanusa; MARCINEIRO, Silvana Alves Bento. **Diretrizes Curriculares da Educação Infantil da Rede de Ensino Municipal de Criciúma: A criança como Protagonista da Aprendizagem.** Criciúma: Secretária de Educação, 2016. Cap. 22. p. 210-212.

DEMO, Pedro. **PESQUISA: PRINCIPIO CIENTIFICO E EDUCATIVO.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 120 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1991.  
MILIOLI, Bárbara Eliana. A criança e suas Linguagens - Linguagens Da Arte na Educação Infantil: Experiências Significativas. In: CORRÊA, Adria Vanusa;

MARCINEIRO, Silvana Alves Bento. **Diretrizes Curriculares da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Criciúma: A criança como Protagonista da Aprendizagem.** Criciúma: Secretária de Educação, 2016. Cap. 15. p. 141-162

NETA, Ana Anita. A escrita como fator determinante no desenvolvimento da humanidade. **Universidade Federal do Rio Grande do Norte,** Natal, p.1-33, 2003.



SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte, Autêntica, 2001. 2. ed., p. 13-60.

## Trabalho completo de relato de ensino

### 34914 - INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: AS CORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL, ALÉM DA IMAGINAÇÃO

**Gisele da Silva Milanez, Morgana Marcelino, Gislene Camargo**

Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Criciúma/SC – Brasil.

O Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência proporciona ao acadêmico uma experiência sistematizada entre teoria e prática, portanto, o relato de ensino descrito nesse artigo, desvela o projeto desenvolvido na Educação infantil sobre as cores, que teve como pano de fundo a Contação de história, cujo nome da brincadeira foi conhecendo as cores, que teve por objetivo Identificar as cores em sala de aula de forma lúdica, didática e participativa. Nesta atividade as bolsistas contaram a história do livro “Bom dia todas as cores” da autora Ruth Rocha. A história foi contextualizada por meio da imaginação e brincadeiras. Para fundamentar esta pesquisa foram utilizadas como bases teóricas BRASIL (2010), COLELLO (2014), FANTIN (2000) e GIL (2002). Esse projeto de ensino possibilitou às bolsistas a compreensão sobre o quanto a interação, as brincadeiras, a imaginação e a criatividade na vivência em sala de aula são fundamentais para o processo de ensino e aprendizagem, e o quanto esses elementos são essenciais no desenvolvimento das crianças.

**Palavras-chave:** Educação Infantil, PIBID, Interações, Brincadeira.

## 1 INTRODUÇÃO

A participação no Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência possibilita aos acadêmicos de Pedagogia/UNESC a vivência em sala de aula na Educação Infantil por meio de planejamento, execução e ação em equipe. Nestes processos todas as ações são realizadas em conjunto pelos acadêmicos, e analisados pela professora coordenadora e professora supervisora. Uma experiência única, quando comparada ao estágio não obrigatório, em que o acadêmico apenas auxilia a professora em sala de aula, entretanto, não participa do planejamento das atividades. Inclusive, esta experiência favorece positivamente o acadêmico quando for realizar seu estágio obrigatório, onde o aluno planeja com auxílio da professora orientadora, e executa a atividade sozinho.

Nosso grupo no PIBID conta com cinco acadêmicas de fases variadas da graduação em Pedagogia. Realizamos as atividades pedagógicas com 26 crianças na Educação Infantil da escola E.M.E.I.E.F. Pe. Paulo Petruzellis, sob a supervisão da



professora Angelita Cardoso Florentino e da professora coordenadora do PIBID Pedagogia UNESC, Gislene Camargo.

## 2 O LÚDICO E AS CORES

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil: “a proposta Curricular da Educação Infantil deve ter como eixos norteadores as interações e as brincadeiras”. (BRASIL, 2010, p. 25). Ou seja, a atividade que possibilita a criança interagir oportuniza à mesma, a ativar sua cognição de forma participativa, incentivando a interação social, ao respeito as diferenças de opinião e gostos.

Desse modo, as atividades pedagógicas também devem: “garantir experiências que: ampliem a confiança e as participação das crianças nas atividades individuais e coletivas”. (BRASIL, 2010, p. 26). Ao aplicar uma atividade, as crianças podem ser incentivadas a expressar seus pensamentos, a se comunicar, desenvolvendo também a oralidade, se fazer entendidas, a observar a opinião dos colegas e desta forma conhecer outras cores além da preferida. Inclusive, a atividade pode atribuir aos participantes a opinião pessoal e coletiva, a interação social, por meio do lúdico e da brincadeira. Além disso, proporcionar as crianças um espaço para o outro falar, criar, ou seja, a soberania do desejo da criança para deixa-la criar é fundamental neste processo.

Ademais, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, preconizam que as atividades pedagógicas também devem: “garantir experiências que: [...] favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal [...]”. (BRASIL, 2010, p. 25). Por meio da brincadeira é possível observar a expressão corporal de cada criança, a lateralidade, o grande e o pequeno e a coordenação motora, por meio do movimento e da corporeidade.

Segundo Fantin (2000, p. 97):

A mediação do educador e seu tipo de envolvimento na atividade é fundamental tanto para organizar e intervir neste espaço e ambiente material, quanto para observar e ‘administrar’ o espaço em questão. Isso implica pensar sobre o papel e qualidade desta mediação que vai refletir diretamente sobre as propostas de trabalho na dinâmica do cotidiano pedagógico, bem como no papel do brinquedo, do espaço e das diversas formas de uso.



Neste contexto, as línguas verbais e não verbais expressam o pensamento tanto de crianças, quanto de professoras e bolsistas, o quanto professor e aluno são agentes que realizam em conjunto e individualmente seu ato criador. Porque a brincadeira remete a arte, a arte que tem sentido quando vestida pelo outro, assim como a leitura verbal e não verbal, construindo um sentido à vida, ao que está sendo aprendido, continuando em cada criança presente no ambiente escolar.

Segundo Colello (2014, p. 173) “a linguagem é transformadora dos sujeitos na medida em que eles se colocam na corrente comunicativa, constituindo-se como locutores e interlocutores, assumindo papéis e posturas”. Por meio das ações das crianças, é possível observar e perceber diferenças de pensamento e opinião em uma só emoção. A multiplicidade nos pequenos corpos, pode gerar emoções, sentimentos e aprendizado, que são compostos por suas diferenças, de forma única para cada criança e adulto presente.

O diálogo entre professor e criança é uma estratégia do saber, exercício de escuta, de produção de cultura. A conversa é infinita, é uma troca de energia, uma mediação, onde tudo que vem do meio, brota do meio, se transforma, produz o novo. Desta forma, a mediação não é um filtro, mas é poder criador, é o estabelecimento de interações e vínculos.

É necessário entender a utilidade da prática pedagógica, onde ocorre o aprender, o ensinar e o reensinar, um processo dialético. Onde a prática é tudo o que se faz no cotidiano para produzir e reproduzir a vida, ou seja, uma prática social. Cada criança tem sua forma de viver, de conhecer e de aprender.

Segundo Colello (2014, p. 179) “ao professor cabe o desafio de acolher o aluno a partir de seus saberes e realidade cultural, promovendo a estimulação e acompanhamento do processo de aprendizagem [...]”. E cada novo objeto apresentado a criança contribui para construir o seu pensamento, suas relações e o seu conhecimento.

Ensinar também é marcar, tornar diferente, considerando todo o conhecimento e vivência que a criança já traz, pois somos produto da cultura na qual vivemos. Esta cultura que nos diferencia pelas relações humanas que vivenciamos.

### 3 METODOLOGIA



A metodologia utilizada para elaboração deste relato de ensino foi qualitativa, baseada na observação do ensino durante as experiências vivenciadas em sala de aula.

Afirma Gil (2002, p. 35) “a observação é um procedimento fundamental na construção de hipóteses. O estabelecimento assistemático de relações entre os fatos no dia-a-dia é que fornece os indícios para a solução dos problemas para a ciência.” Nesse sentido, o PIBID proporciona a/ao acadêmica/o, a observação *in loco*, o que possibilita observar, refletir e planejar levando em consideração a ação pedagógica. Por isso, é possível em uma atividade em sala de aula, trabalhar outros aspectos com a criança, como respeito ao próximo, autonomia, ato criador, liberdade de expressão, inclusão de forma lúdica e didática.

O projeto foi desenvolvido na escola campo do Projeto PIBID Pedagogia UNESC, envolvendo 26 crianças, com faixa etária de 4 a 5 anos, destacando que nessa escola a professora supervisora trabalha com a sequência didática, porém concede autonomia ao grupo para desenvolver as atividades de maneira autônoma. Desse modo, as observações possibilitaram o planejamento e execução do tema abordado.

#### 4 EXPERIÊNCIA DE ENSINO

Por meio das experiências do projeto de ensino elaborado pelas bolsistas no primeiro semestre de 2017, foram desenvolvidas atividades que possibilitaram a interação, a brincadeira, a imaginação e a criatividade.

Para isso realizamos a leitura de obras de teóricos que orientam sobre a importância das ações realizadas, com o objetivo de desbanalizar o banal, ou seja, tornar importante aquilo que costuma ser visto com pouca relevância, neste caso, o conhecimento das cores pelas crianças.

Foi escolhido para apresentar neste relato, a temática “Conhecendo as Cores”, uma das atividades desenvolvidas. Para iniciar o projeto com as crianças, as bolsistas contaram a história do livro “Bom dia todas as cores” da autora Ruth Rocha. As crianças ficaram em círculo, sentadas em almofadas coloridas e em um tapete laranja, com o intuito de fazer parte de um cenário colorido. Sendo assim, a história foi contextualizada por meio da imaginação e brincadeiras.



Foram distribuídas às crianças pedaços de tecido de T.N.T. coloridos (verde, vermelho, azul, amarelo, laranja e marrom), bem como, foi orientado que cada T.N.T. na brincadeira seria um pincel onde cada criança pintaria o que desejasse (cadeira, mesa, chão, parede, o corpo) por meio da imaginação.

Então, como protagonistas da brincadeira, novas ideias tomaram forma, algumas se transformaram em super-heróis, outras em princesas, outras fizeram do tecido um rio, outras cordas de obstáculo.

Houveram aquelas que a princípio não estavam sendo aceitas pelo grupo e por fim foram incluídas na brincadeira e aceitas com alegria. Acreditamos no poder da curiosidade, sua importância para a aprendizagem, criando interesse pelo conteúdo. Bem como, no quanto a escola é fundamental na contribuição para que não haja tantos excluídos.

## 5 CONCLUSÃO

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência proporciona aos bolsistas a vivência em sala de aula antes da formação acadêmica. Inclusive, as atividades são planejadas, executadas e discutidas em conjunto, seja para o blog e/ou para artigos, contribuindo positivamente tanto para o conhecimento acadêmico, quanto para o crescimento pessoal e profissional.

Outro aspecto importante alcançado com a realização da atividade foi a observação quanto a seriedade do brincar enquanto ser humano em construção. O brincar interfere diretamente no desenvolvimento cognitivo, afetivo e emocional no âmbito de suas relações sociais.

Tudo isto tem nos mostrado enquanto bolsistas expectadoras e atuantes, um novo olhar para o entendimento de nosso mundo atual, por meio das ações das crianças com as quais nos aproximamos profissionalmente.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria da educação básica. Brasília MEC, Set. 2010



COLELLO, Silvia M. Gasparin. Sentidos da alfabetização nas práticas educativas. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (Orgs.). **Alfabetização e seus sentidos: o que sabemos, fazemos e queremos?** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Editora Unesp, 2014. p.169-186.

FANTIN, Mônica. **No mundo da brincadeira: jogo, brinquedo e cultura na educação infantil.** Florianópolis: Cidade Futura, 2000. p.97-102.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175p.

## Trabalho completo de relato de ensino

### 35305 - A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

**Diana da Cunha, Desirée Aparecida Oliveira, Gislene Camargo**

Universidade do extremo sul Catarinense – Unesc  
Programa Institucional de Bolsas de iniciação a Docência – Pibid, Curso de Pedagogia - licenciatura.

Em análise percebeu-se que no primeiro ciclo de alfabetização as crianças são inseridas em um mundo de atividades sem sentido, repetitivas e superficiais que deveriam promover a alfabetização mas ao invés disto elas acabam se tornando desinteressantes e dificilmente alcançando o objetivo proposto de forma efetiva, levando mais tempo que o necessário, podendo, as atividades, serem complementadas com atividades lúdicas. Com base neste problema buscou-se com este trabalho apresentar a importância da presença do lúdico no processo de alfabetização, a partir dos relatos de ensino realizadas pelas bolsistas do subprojeto PIBID Pedagogia/UNESC. Assim utilizou-se como embasamento teórico autores como Marta Kohl Oliveira, Gildo Volpato, Nelson Rosamilha entre outros. Vislumbrou-se, por meio desta proposta, que o ensino pode ocorrer através de jogos e brincadeiras, proporcionando mais interesse e curiosidade para aprender por parte dos educandos. Constatou-se assim, a importância da ligação entre a educação infantil e a alfabetização, pois proporciona autonomia, desenvolvimento e o querer aprender, já que o ensino se torna mais prazeroso.

**Palavras-chave:** alfabetização 1, lúdico 2, processo 3.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao ingressar no seu primeiro ano do ensino fundamental ocorre o processo de alfabetização que é indispensável na formação de todo educando, pois nesta fase haverá o contato efetivo com a linguagem escrita, é nesta etapa também que o educando acaba adentrando em um mundo totalmente novo ao qual estava habituado, no qual a forma de ensinar é razoavelmente distante da forma como era ensinado na educação infantil, que por sua vez tinha a presença constante do lúdico e de brincadeiras.

Os educandos experimentam, em um primeiro momento, um mundo no qual as atividades se tornam basicamente o contato com textos escritos e exercícios, que só exigem a prática de memorização e reconhecimento de diferentes letras e palavras, o que torna esta etapa de aquisição de conhecimentos algo completamente sem sentido, do ponto de vista do aluno, pois deixou um espaço no qual as atividades pedagógicas eram lúdicas, isto é, estavam sempre interligadas com algo significativo de seu cotidiano, de



modo a contribuir efetivamente para o processo de aprendizagem de uma forma prazerosa. Pois segundo Rosamilha,

A criança é, antes de tudo, um ser feito para brincar. O jogo, eis aí um artifício que a natureza encontrou para levar a criança a empregar uma atividade útil ao seu desenvolvimento físico e mental. Usemos um pouco mais esse artifício, coloquemos o ensino mais ao nível da criança, fazendo de seus instintos naturais, aliados e não inimigos. (1979, p77)

Sob esta perspectiva, pôde-se constatar que neste período da alfabetização não se leva em consideração a importância das atividades lúdicas no processo de aprendizagem, ou seja, o lúdico não é compreendido como exercício integrante das práticas pedagógicas desta fase. Tornou-se evidente que ao não valorizar a presença da ludicidade nesta etapa as práticas educativas acabam limitando a criatividade, autonomia e atuação deste educando, que são de suma importância para a aprendizagem do mesmo.

A criança expressa-se pelo ato lúdico e é através desse ato que a infância carrega consigo as brincadeiras. Elas perpetuam e renovam a cultura infantil, desenvolvendo formas de convivência social, modificando-se e recebendo novos conteúdos, a fim de se renovar a cada nova geração. É pelo brincar e repetir a brincadeira que a criança saboreia a vitória da aquisição de um novo saber, incorporando-o a cada novo brincar. (CRAIDY, KAERCHER, 2001, p. 103)

Então, é necessário que o educador seja um mediador e compreenda que seus alunos trazem consigo um vasto conhecimento, o que pode ser de imensa ajuda no processo de alfabetização se, a partir destes conhecimentos, o professor conseguir construir estratégias lúdicas, que se tornem objetos de suma importância no ensino, no desenvolvimento, nas conquistas de aprendizagens formais de maneira mais prazerosa para este educando.

Em relação a esse fato, Kolyniak Filho fala:

Tal constatação aponta a importância de se levar em consideração o potencial de aprendizagem dos alunos nas situações de ensino, ao mesmo tempo em que mostra que o bom ensino deve incidir sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal dos alunos, a fim de favorecer seu desenvolvimento. (1995, p. 25)

Assim, diante das afirmações abordadas até aqui, e ao longo do processo de observação das aulas no Pibid, percebeu-se a necessidade de trabalhar e forma



diferente, pois os educandos apresentavam impedimentos ao se concentrar e, ao aprender o código, isto é, tinham dificuldades de ler e escrever.

Tais dificuldades, como a falta de atenção surgiram no momento em que as crianças se depararam com o processo de alfabetização, pois sentem-se desamparadas ao chegar na escola, uma vez que há um “abismo” entre a maneira de ensinar utilizada na educação infantil e a maneira utilizada no ensino fundamental.

Assim, as acadêmicas pesquisaram uma forma para solucionar o referido problema, tão comum nas escolas hoje em dia. Vê-se então que faltava inserir o lúdico no período de alfabetização.

Nesta perspectiva, nosso trabalho tem como objetivo evidenciar de que forma o lúdico pode ser explorado como uma importante ferramenta de auxílio no processo de alfabetização, analisando a partir das experiências vivenciadas pelas atividades propostas pelas Pibidianas durante o período do projeto.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A INFLUÊNCIA DO LÚDICO NO PRIMEIRO CICLO

A presença do lúdico na vida de qualquer educando é constante desde os primórdios de sua existência, assim como no início de suas experiências educacionais. Logo, compreende-se que a ludicidade e as brincadeiras são ações fundamentais na formação de um indivíduo, visto que contribui efetivamente no desenvolvimento cognitivo, intelectual, de sua autonomia, autoestima, espírito coletivo e criatividade, explicitando o quanto o lúdico, se trabalhado de forma eficaz, pode se tornar um importante aliado da educação, principalmente nas series iniciais.

Isto porque, compreende-se que o educando estará utilizando dos momentos lúdicos e de jogos para criar e recriar a sua realidade e dar significado as coisas, assim como estará internalizando novos conhecimentos a partir das experiências com estes momentos. Portanto fica evidente que o lúdico realiza um papel essencial na formação dos alunos, pois este processo, dito como “somente brincar”, que realiza a construção do seu pensamento e dá sentido ao mundo, conduzindo-o ao aprendizado do todo, de forma agradável.



Neste sentido, colaciona-se da obra de Oliveira:

Comparada com a situação escolar, a situação de brincadeira parece pouco estruturada e sem uma função explícita na promoção de processos de desenvolvimento. No entanto, o brinquedo também cria uma Zona de Desenvolvimento Proximal na criança, tendo enorme influência em seu desenvolvimento. (1995, p. 65-66)

Assim também concebe-se que não é todo o jogo ou momento lúdico que pode servir como material pedagógico, de forma a se tornar uma ferramenta auxiliar de ensino, neste sentido, se o jogo não estiver no planejamento do professor bem com, se as regras não forem bem estabelecidas e que busquem o progresso das habilidades que o educador pretende desenvolver, tais jogos e momentos lúdicos serão considerados apenas “brincadeiras”, assim, percebe-se que, como qualquer atividade dita pedagógica, o professor precisa dar um significado ao jogo

Portanto a ludicidade se incorporada como uma ferramenta pedagógica complementar as práticas educacionais “tradicionais”, sendo inserida fundamentalmente no primeiro ciclo, e não somente na educação infantil, pode ser um importante apoio no desenvolvimento dos educandos ao criar uma ponte de transição a processos tão distintos de aquisição de conhecimento, no qual a educação infantil busca sempre utilizar do lúdico nas atividades pedagógicas e o primeiro ciclo de alfabetização descarta o lúdico para desenvolver operações formais.

Compreende-se, ao partir do lúdico e das brincadeiras muitos conteúdos podem ser ensinados e subsequentemente ser apropriados pelos educandos.

## 2.2 A ALFABETIZAÇÃO EM SINERGIA COM O LÚDICO

Compreende-se, pelas leituras realizadas, a importância que existe em o professor estimular e proporcionar aos alunos um desenvolvimento integral, vislumbrando que o lúdico se constitui como uma das linguagens que são mais significativas para as crianças, pois trabalham capacidades intelectuais, afetivas, sociais e motoras que realizam um maior desempenho de aprendizagem.

Tendo este pressuposto e também o propósito de ensinar a alfabetização através do lúdico viu-se necessário que:



O brincar revela a estrutura do mundo da criança, como se organiza o seu pensamento, às questões que ela se coloca como vê o mundo à sua volta. Na brincadeira, a criança explora as formas de interação humana, aprende a lidar com a espera, a antecipar ações, a tomar decisões, a participar de uma ação coletiva (BRASIL, 2007, p. 9).

Partindo deste princípio, foi proposto então, pelas acadêmicas, levar aos alunos atividades que utilizassem a alfabetização mas de uma maneira mais interativa, trabalhando com o lúdico, como brincadeiras, teatros, livros diferenciados, atividades de colorir, jogos próprios para alfabetização, entre outros.

Assim, ao longo do projeto desenvolvido com os educandos, sobre alfabetizar de forma lúdica, compreendeu-se a maneira que as atividades que continham brincadeiras interferiam de forma mais positiva no aprendizado das crianças, proporcionando um ambiente de ensino mais prazeroso.

Com base nisto, foi analisado que nas aulas com emprego de método de aprendizado lúdico, os educandos conseguiram se concentrar e, conseqüentemente, prestaram mais atenção no código escrito, facilitando assim o aprendizado, cabe ressaltar, que é essencial para o aprendizado, atividades diferenciadas que trabalhem de uma forma distintiva, isto é, lúdica, neste primeiro ciclo para reduzir o abismo que existe entre a educação infantil e o ensino fundamental.

### 3 METODOLOGIA

O referente artigo foi produzido com base em observações feitas a partir de práticas pedagógicas realizadas por pibidianas do projeto PIBID Pedagogia UNESC, que tinham por objetivo desenvolver atividades que envolvessem a alfabetização de forma lúdica e com diferentes metodologias, proporcionando um desenvolvimento mais prazeroso, pois o próprio Referencial Curricular da Educação Infantil expõe que:

No processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação. (1998, pág. 21-22)



O referido projeto foi desenvolvido na escola Acácio Alfredo Vilain no bairro Montevideu, que se situa na cidade de Cricúma/SC. As atividades realizadas na escola, foram desenvolvidas com 24 crianças, que se encontram com idades de 7 a 8 anos de idade e frequentam o 2º ano do ensino fundamental.

Foram proporcionados encontros semanais com duração de 8 horas, divididos em 4 horas presenciais na escola e 4 horas de reunião que acontecem na UNESC. Estes encontros são necessários para o planejamento das atividades que serão feitas na escola, assim como para promover momentos de estudo, socialização de experiências pelas bolsistas, como a troca de conhecimento.

#### 4 EXPERIÊNCIA DE ENSINO

O Pibid, proporciona aos acadêmicos uma vasta experiência em relação a iniciação à docência. Por meio dele os bolsistas tem o privilégio de aprender com os professores orientadores, além de poder desenvolver o aprendizado teórico na prática.

Assim como vivenciam momentos de grande prazer e descontração, ao poderem desenvolver as teorias das quais confiam contribuir positivamente no processo de ensino, como também trabalham de forma lúdica e com diferentes metodologias os conteúdos referentes a cada etapa do ensino. Proporcionando aos educandos uma outra visão, método e dinâmica do mesmo conteúdo que foram trabalhados pela professora na sala, logo em diversas vezes este momento de aprendizagem acaba auxiliando na apropriação de conhecimentos de forma mais efetiva.

Em todas as vezes que os acadêmicos realizam a visita a sala de aula para atuar como docentes, foram recebidos pelos alunos com grande euforia, assim como os mesmos demonstram grande interesse pelas aulas propostas, ficando evidente que a forma como os acadêmicos vem colocando em pratica suas atividades pedagógicas estão modificando o modo de aprendizagem destes alunos e também proporcionando um maior interesse em aprender.

É através destas experiências, com a docência, que os acadêmicos serão capazes de refletir sobre as praticas pedagógicas realizadas em sala de aula, assim como construirão suas próprias perspectivas e práticas que, ao seu ver, serão as que contribuirão efetivamente para a aprendizagem.



Com isso, a experiência no Pibid traz muito conhecimento, aprendizado e uma desmistificação do medo que os acadêmicos têm da prática, formando profissionais qualificados e preparados, para assim que se formarem entrar em uma sala de aula.

## 5 CONCLUSÃO

Por fim, percebe-se a importância da ligação entre a educação infantil e as séries iniciais, pois, deve-se ter como objetivo diminuir a grande mudança no método de ensino aplicado entre estes dois ciclos de aprendizagem.

Assim, fica evidente que é possível, através de práticas pedagógicas bem elaboradas pelo educador, introduzir o lúdico como uma ferramenta complementar no processo de ensino, essencialmente neste período de transição da educação infantil para o momento da alfabetização no qual os educandos deparam-se com uma grande transformação de métodos entre estas duas fases.

Considerando isto, o lúdico terá um papel fundamental nesse processo de aproximar estes dois momentos distintos, promover uma aprendizagem mais prazerosa e um querer aprender, visto que o lúdico está presente desde muito cedo nas vidas dos educandos contribuindo para com o seu desenvolvimento.

Ainda, cabe reprimir o quão necessário é a ludicidade dentro do processo de alfabetização para que assim os educandos obtenham um melhor índice de aprendizagem, apropriando-se, verdadeiramente do conhecimento.

Ressalta-se ainda, que é neste momento que serão formados os futuros cidadãos críticos, questionadores e políticos.

Portanto cabe ao educador proporcionar uma alfabetização que traga a ludicidade de forma a promover um processo de aprendizagem mais próxima das vivências dos educandos, assim como reconheça que o lúdico e as brincadeiras tem grande potencial, se bem planejados, ao serem inseridos nas práticas pedagógicas, construindo uma transição mais tranquila entre as duas fases, que conseqüentemente promoverá de forma mais efetiva a aprendizagem.

## REFERÊNCIAS



BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de Nove Anos: Orientações para a Inclusão da Criança de Seis anos de Idade.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular para a Educação Infantil:** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação, 1998.

CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

KOLYNIAK FILHO, C.(1995) **Educação física e Vygotsky.** São Paulo: 4 ed, Discorpo, 1995.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico.** 3º ed. São Paulo: Ed. Scipione, 1995.

ROSAMILHA, Nelson; CABRAL, Álvaro. **Psicologia do jogo & aprendizagem infantil.** São Paulo: Ed. Pioneira, 1979.

VOLPATO, Gildo. **Jogo, brincadeira e brinquedo: usos e significados no contexto escolar e familiar.** 2º. ed. Criciúma, SC: UNESC, 2017.

## Trabalho completo de relato de ensino

### 35419 - UMA VISÃO ALÉM DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO, A PARTIR DE UMA PRÁTICA DO PIBID

**Vanessa Budny Boaventura, Thainá Serafim Pereira, Gislene Camargo**

Pedagogia; Universidade do Extremo Sul Catarinense-UNESC, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID.

O presente artigo surgiu a partir de uma proposta de atividade no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, o mesmo busca refletir sobre a trajetória histórica da alfabetização e letramento no Brasil. Bem como, a relevância da literatura no processo de ensino-aprendizagem, já que a mesma estimula a criatividade e a imaginação, de modo a contribuir para a formação de um sujeito crítico. A fundamentação teórica utilizada foi Amado (2013), Brasil (1997) Domingues (2010), Fonseca (2012), Kleiman (2010), Mortatti (2006), Pereira (2007) e Soares (2004). Por fim, serão relatadas experiências promovidas pelo PIBID, as quais contribuíram grandemente para nossa formação. Possibilitou às acadêmicas-bolsistas a realização de uma práxis engrandecedora, de modo a promover significativos conhecimentos, tanto no processo de ensino aprendizagem dos educandos do 2º ano, quanto na formação de docentes.

**Palavras-chave:** Literatura 1, Alfabetização 2, Letramento 3

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo existiram diferentes concepções de infância, nem sempre a forma de perceber a criança foi igual. Começando pela idade média, que não existia consciência da particularidade infantil, por essa razão a criança era inserida muito cedo no mundo adulto, assim que se tornava independente (por volta dos 6 ou 7 anos de idade) e tinha condições de viver sem a assistência de sua mãe. Portanto a criança era como adulto em miniatura, não existia um sentimento de infância.

Desta forma, é necessário salientar sobre o surgimento da literatura para as crianças. Foi a partir do século XVII, época da reorganização do ensino e da fundação do sistema educacional burguês, que foram criados e publicados livros para o público infantil. Preparados com intuito pedagógico e utilizado como instrumento auxiliador no processo de ensino e aprendizagem.

O livro é um excelente incentivador e motivador da aprendizagem, que contribui para o desenvolvimento linguístico e intelectual do aluno, auxiliando-o a entrar no mundo das palavras, assim deve estar presente no processo de alfabetização e letramento das



crianças. No entanto, é necessário compreendermos o que é e como é realizado esse processo.

Alfabetização é o processo de aquisição da leitura e escrita, um ato de propagar o ensino das primeiras letras e a sistematização da escrita. Este processo inicia-se na escola, inicialmente por meio da história da escrita, a qual revela a função social da mesma. Em seguida, trabalha-se com textos, inicia-se pelo “todo”, para posteriormente se proceder análise de suas partes constitutivas. O letramento é uso aplicabilidade da leitura e escrita nas práticas sociais. Portanto, ambas as práticas são indissociáveis.

A história sobre a alfabetização escolar evidencia um percurso marcado por mudanças conceituais e metodológicas. Desta maneira, este artigo pretende discutir sobre os diferentes métodos de alfabetização no Brasil, o surgimento do conceito de letramento e sua relação com a alfabetização. Bem como, apresentar possibilidades e estratégias que possam auxiliar profissionais da educação no processo de alfabetização e letramento das crianças. Por fim, será apresentado vivências sobre literatura infantil a partir do SUBPROJETO-PIBID Pedagogia da UNESC.

## 2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO MUITO ALÉM DE LER E ESCREVER

A alfabetização e o letramento nem sempre foram reconhecidos como indissociáveis. No Brasil, com a proclamação da República, no final do século XIX a educação começou a ser idealizada, desta forma a escola consolidou-se, vista como necessária para preparação das novas gerações. Em virtude disto, ler e escrever que anteriormente a este período eram práticas culturais, passaram a ser reconhecidos como meio de aquisição do conhecimento e desenvolvimento social. Definindo-se, segundo Mortatti (2006, p. 3) “como tecnicamente ensináveis, as práticas de leitura e escrita passaram, assim, a ser submetidas a ensino organizado, sistemático e intencional”.

No entanto, a dificuldade das crianças aprenderem a ler e escrever resultou no fracasso escolar na alfabetização. Assim, são necessários esforços de mudanças que superam essas frustrações, e para isso, ocorreu o surgimento dos métodos de alfabetização, a qual por muito tempo foram utilizados e considerados essenciais no processo de alfabetização.



De acordo com Mortatti (2006) os métodos de alfabetização estão divididos em quatro momentos fundamentais, denominados: a metodização do ensino da leitura, a institucionalização do ensino analítico, a alfabetização sob medida e alfabetização: construtivismo e desmetodização. No decorrer destes momentos, ocorreram muitos debates, a respeito da padronização e solidificação referentes ao ensino da leitura e escrita, controvérsias entre os que acreditavam ser portadores de novo método de alfabetização e os defensores de métodos arcaicos.

No primeiro momento, que se estendeu até o início da década de 1890, foi conhecido como a metodização do ensino da leitura. O aprendizado da leitura e escrita era realizado em salas adaptadas, localizadas em prédios não muito favoráveis para tal fim, que acomodavam alunos de diferentes idades. O ensino apresentava precariedade em relação à organização, ao funcionamento e à materiais disponibilizados pela “escola”. Iniciava-se o ensino de leitura com as chamadas Cartas de ABC, ou as cartilhas como são conhecidas atualmente, as quais representam o método mais tradicional de alfabetização. O método utilizado nesse momento era o método sintético, este, consistia-se em iniciar pela “parte” das palavras para o “todo”: apresentam-se as letras e seus respectivos nomes (método alfabético), os sons das mesmas (método fônico) e as famílias silábicas (método da silabação), ou seja, o ensino da leitura seguia a ordem: letra sílaba e palavra. E o ensino da escrita, resumia-se na caligrafia e ortografia, utilizando cópias, ditados e formulações de frases.

É no ano de 1876 o marco inicial desse período de Metodização, isto é, o estabelecimento de métodos de alfabetização. Cujo foco era em como ensinar e não em como aprender. Isso ocorre devido a publicação da “Cartilha maternal ou Arte da leitura” do poeta João de Deus. Assim a partir de 1880, o “método João de Deus” ou “método da palavração” passa a ser utilizado no ensino da leitura, o mesmo “baseava-se nos princípios da moderna linguística da época e consistia em iniciar o ensino da leitura pela palavra, para depois analisa-la a partir dos valores fonéticos das letras” (MORTATTI, 2006, p.06).

Após este período, iniciou-se um segundo momento na história dos métodos de alfabetização, o qual se nomeou de método analítico, que durou até meados dos anos 1920. Este renovador método é fruto da implementação de uma reforma de instrução pública no estado de São Paulo, que começou uma organização da Escola Normal de



São Paulo e criou-se uma Escola-Modelo, o que foi difundido pelos professores por todos os estados brasileiros.

O método analítico, completamente oposto ao método sintético, trazia consigo uma inovação referente ao processo de alfabetização. De acordo com Mortatti (2006), influenciado pela pedagogia norte-americana, deveria iniciar-se o ensino da leitura pelo “todo”, para depois analisar suas partes constitutivas. O todo se constituía de uma historieta, que após trabalhado seria decomposto em frases, conseguinte de palavras, chegando as sílabas e as letras. Vale ressaltar, que este método se dividia em três etapas: método da palavração (palavra>silaba>letra), método da sentençação (frase>palavra>silaba>letra) e contos e historietas (texto> frase>palavra>silaba>letra). Todavia, o ensino da escrita restringia-se a caligrafia e tipos de letras a ser utilizada, para isso exigia-se treino, por meio de exercícios de cópia e ditados.

Neste segundo momento, caucionou uma disputa entre os defensores do renovador método analítico e os que defendiam o tradicional método sintético. Devido a isso, surge uma nova tradição no ensino da leitura, no qual enfatizava questões didáticas dependentes de ordem psicológica da criança, ou seja, de como ensinar e a quem ensinar. Também o termo “alfabetização” começa a ser reconhecido para o ensino inicial da leitura e escrita.

Dando continuidade a história dos métodos de alfabetização, por volta de 1920 sucedeu o terceiro momento, chamado “a alfabetização sob medida”. Neste período, ocorreu a “Reforma Sampaio Dória” na qual possibilitava ao alfabetizador uma maior “autonomia didática”. Por consequência dessa autonomia ampliou a rejeição dos professores perante a utilização do método analítico, já que esse era o método imposto, deste modo, iniciou-se uma procura por soluções que resolvessem os impasses do ensino da leitura e escrita. Uniram-se então, os dois principais tipos de métodos de ensino da leitura e escrita e assim passaram a utilizar o método misto ou eclético.

Logo, funda-se uma mistura de métodos no processo e no conceito de alfabetização, na qual a aprendizagem da leitura e escrita implica “obrigatoriamente uma questão de “medida”, e o método de ensino se subordina ao nível de maturidade das crianças em classes homogêneas.” (MORTATTI 2006 p. 09). Entretanto, o ensino da escrita ficou sendo entendido como habilidade de caligrafia e ortografia, tendo que ser ensino juntamente com a leitura.



Até 1980 a alternância entre métodos sintéticos e analíticos é o que caracterizava a alfabetização, cujo objetivo era o domínio de codificação e decodificação de símbolos alfabéticos. No entanto, a partir desta década a alfabetização começou a ganhar dimensões políticas e sociais, as quais tinham o intuito de enfrentar o fracasso da escola na alfabetização de crianças. Assim tais métodos de alfabetização passaram a ser questionados e criticados por uma nova abordagem de desconstrução dos mesmos, denominada Desmetodização - 4º momento da história dos métodos de alfabetização segundo Mortatti.

A busca por soluções para enfrentar o fracasso das escolas na alfabetização de crianças resultou em um pensamento de que não era possível alfabetizar apenas com técnicas, sem ter uma base teórica. Devido a isso, introduziu-se no Brasil o pensamento construtivista sobre alfabetização, isto é, a teoria Construtivista, tornou-se uma nova referência teórico-metodológica, a qual seria a base para os educadores resolverem determinados problemas. Tal abordagem é fruto das pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita, feita pela pesquisadora Emília Ferreiro e seus colaboradores. Nesta concepção o foco é o processo de aprendizagem das crianças e não mais os métodos de ensino. Deixa de ter a perspectiva em como ensinar e passa para a perspectiva de como aprender. Portanto, não se trata de um novo método e sim de uma revolução conceitual, cujo intuito é desmetodotizar o processo de alfabetização abandonando teoria e práticas tradicionais.

Em síntese podemos perceber que ao longo da história do ensino inicial da leitura e escrita houve mudanças tanto conceituais quanto metodológicas. Contudo, a meta da alfabetização era sempre a aprendizagem do sistema convencional da escrita. No entanto, o construtivismo,

[...] trouxe uma significativa mudança de pressupostos e objetivos na área da alfabetização, por que alterou fundamentalmente a concepção do processo de aprendizagem e apagou a distinção entre aprendizagem do sistema de escrita e práticas efetivas de leitura e de escrita (SOARES, 2004, p. 98)

Com essas mudanças foi possível identificar o processo que torna a criança alfabética e a importância das variadas relações entre a criança e prática reais de leitura e escrita.



Segundo Soares, a criança apropria-se do sistema convencional da escrita, por meio de atividade de letramento, prevalecendo sobre as atividades de alfabetização. A conceitualização da língua escrita pela criança acontece por meio das relações que a mesma tem com diferentes práticas sociais que exigem o uso da leitura e escrita. Este processo é compreendido como letramento, que segundo Soares (2004, p.96)

[...] é palavra e conceito recentes, introduzidos na linguagem da educação e das ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas, seu surgimento pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização.

Visto que, as práticas sociais ganharam maior importância, tornando-se gradativamente dependentes da leitura e escrita percebe-se que a alfabetização, apenas de codificação e decodificação, não dá conta da dimensão social, isto é, o significado real da palavra. Com isso, inicialmente introduziram um adjetivo para o termo alfabetização surgindo assim alfabetização funcional. No entanto, posteriormente, mediante aos argumentos como “alfabetização é muito mais do que codificação e decodificação” percebeu-se a insuficiência do termo para ampliar o significado de alfabetizar, assim originando o termo letramento, ou seja, o mesmo é resultado da necessidade de realçar as práticas de uso do sistema da escrita, em contextos sociais que envolva o uso da leitura e escrita.

Segundo Ferreiro, letramento não é um método de alfabetização ou uma habilidade, e sim um conjunto de práticas de uso da escrita, mas amplo que as práticas escolares, mas que as incluem. Deste modo, aulas ou disciplinas de letramento é um equívoco, já que o mesmo deve caminhar simultaneamente com a alfabetização. Desta forma, ambos os processos são indissociáveis, simultâneos e interdependentes. O professor deve alfabetizar letrando e para isso, o mesmo deverá ter uma postura estudiosa sobre alfabetização, saber o que de fato é alfabetizar. Bem como, pensar em atividades que faça o aluno a refletir e não apenas fazer cópias, desafiando-o na busca pelo conhecimento.

Vale ressaltar que, existem 4 princípios de letramento: o texto considerado o “carro chefe” no qual desencadeará toda ação do professor; escrita; leitura e oralidade, a qual tem um papel fundamental na apropriação do conhecimento.



Desta forma, o professor em sala de aula, pode contar com diversas estratégias e possibilidades mediadoras no processo de letramento das crianças. O texto por sua vez, é o motivador do ensino aprendizagem, parte-se dele para a apropriação do conhecimento e o mesmo pode ser trabalhado em diferentes gêneros, como: conto, receita culinária, lista de compras, carta, lenda, fábula, bilhete, conto de fadas, notícia, manual de instruções, bula de remédio, entre outros. Visto que, o professor deve explicar a função de cada gênero e utilizá-los de maneira a contribuir neste processo.

A leitura é essencial em todo processo de ensino aprendizagem, a mesma precisa ser uma leitura real, ou seja, que tenha significado, que traga sentido ao educando. Já que, essas leituras não cumprem seu papel se forem feitas de forma mecânica, é necessário ser objetivada, ser aplicada com um objetivo por parte do professor, levando ao conhecimento, de maneira a contribuir para a formação de um leitor ativo e crítico.

Assim aliada à leitura está à escrita do educando, que é essencial para o mesmo na alfabetização e letramento, ao solicitar a turma produções textuais é necessário que o professor de subsídios suficientes para que isso se efetive. Quando se fala em produções textuais, devem-se salientar todas as tentativas de acerto do educando e jamais forçar-se no erro, ao verificar erros é importante dialogar com o educando, de modo que o mesmo aprenda a analisar seu próprio texto e desvirtue o professor como único detentor do saber.

O educando precisa ter autoria, criatividade e aprender a estruturar um bom texto. Na fase inicial do processo de alfabetização e letramento, pode-se utilizar o texto coletivo como auxílio, este requer que o professor leia para turma alguma história e peça que os educandos recontem, com isso o mesmo anota no quadro a sequência de informações sobre a história e reestrutura de maneira adequada, utilizando conectivos. Desta maneira, os educandos estarão em contato com o texto, sendo autores, devido que,

Um aluno que produz um texto, ditando-o para que outro escreva, produz um texto escrito, isto é, um texto cuja forma é escrita ainda que a via seja oral. Como o autor grego, o produtor do texto é aquele que cria o discurso, independentemente de grafá-lo ou não. (BRASIL,1997 p.28)



Todavia, se a turma já estiver preparada para produções de textos individuais e o professor fornecer subsídios para que os educandos o façam, o mesmo deve pedir a autorização do educando, para no quadro fazer a reestruturação do texto, de modo a corrigi-lo.

Outra estratégia neste processo é a análise linguística, em que consta analisar as palavras segundo a ortografia, uma atividade que possibilita isso é o “Ditado Interativo”. Este se executa, solicitando que os educandos escrevam individualmente, uma lista de palavras selecionadas pela professora, na sequência, a correção é feita no quadro em coletivo, a professora questiona quem quer ir ao quadro para escrever a palavra da sua maneira comparando com a escrita de um colega, assim é analisado o que foi escrito de maneira diferente, utilizando o dicionário para conferir a palavra segundo a ortografia.

Um fator também relevante para a apropriação do conhecimento é a oralidade, ela está vinculada a todas as estratégias e possibilidade de aprendizagem, quando o educando não possui condições de fazer construções escritas, sua participação se efetiva pela oralidade e é papel da escola proporcionar esta participação, já que

[...] expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é. Assim, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. (BRASIL, 1997 p.38)

Bem como, outro aliado neste processo está a literatura, ela expande o vocabulário, contribui para o desenvolvimento linguístico e intelectual. É extremamente relevante para o educando ouvir histórias, este ato é o começo para ser um leitor e ser um leitor é ter uma trajetória completamente infinita de descobertas e de compreensão do mundo. Em virtude disto, aprofundaremos em um novo tópico a literatura, a fim de explanar sobre seu papel importante no processo de alfabetização e letramento.

## 2.2 A LITERATURA INFANTIL ASSOCIADA AO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM



Quando se fala em literatura infantil é necessário refletir sobre seu principal leitor: a crianças. Até o século XVII, não existia uma consideração especial com a infância. As crianças não recebiam uma atenção particular e conviviam igualmente com os adultos, compartilhavam do mesmo cotidiano e eventos, estavam junto deles nos mesmos ambientes, no trabalho, nas festas, nas guerras, nos cantos e nas contações de histórias que eram feitas em rodas de fogueiras.

Segundo Zilbermam (2003), foi na idade moderna que surgiu a necessidade de separar as crianças dos adultos, isto é, a idealização da infância. Com isso, a mesma foi concebida como uma idade reconhecida, contendo interesses próprios, tendo que desfrutar de uma educação especial. Outro acontecimento da época que influenciou a mudança na concepção de infância foi a constituição do modelo familiar burguês,

A emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular; preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros. (ZILBERMAM, 2003, p.15)

Neste contexto, a crianças passa a ser vista como um ser diferente do adulto e por ter características próprias deveria afastar-se da vida dos mesmos. Assim percebe-se a necessidade de uma formação específica para as crianças que as preparassem para a vida adulta. Devido a isso, estudiosos da época se preocuparam com a reorganização das escolas, as quais, juntamente com a literatura infantil tinham uma missão a cumprir: ensinar, modelar e controlar as crianças. Exerciam a função de controlar o desenvolvimento intelectual e manipular as emoções das mesmas.

A literatura infantil surgiu no século XVII e possui características próprias, foi relacionada ao estudo da pedagogia, por ter como objetivo de educar moralmente as crianças. As histórias tinham um objetivo principal: evidenciar o bem a ser aprendido, incentivando boas atitudes e comportamentos e ensinar que o mal deve ser ignorado. Bem como, alertar as pessoas sobre os perigos do mundo, como por exemplo, a história da chapeuzinho vermelho, “que é uma história para moças camponesas tomarem cuidado com os senhores que encontrassem no caminho, pois estes poderiam violenta-las” (FONSECA, 2012, p.158)

Por estas razões, ainda na contemporaneidade a literatura infantil, possui um caráter pedagógico. A respeito disso, Zilberman (2003, p.13-14) ressalta



Os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professores, com marcante intuito educativo. E, até hoje, a literatura infantil permanece como uma colônia da pedagogia, o que lhe causa grandes prejuízos: não é aceita como arte, por ter uma finalidade pragmática; e a presença deste objetivo didático faz com que ela participe de uma atividade comprometida com a dominação da criança.

No contexto escolar, a literatura infantil apresenta-se com cunho moralista, em outras palavras, muitos textos, conto de fadas e fabulas mantêm-se nesse costume: ensinar às crianças valores, princípios, bons costumes e alguns conteúdos por meio das histórias. Contudo, é importante salientar que essa tradição é extremamente prejudicial à literatura, visto que a mesma

[...] é farra, é diversão, é sonho é pausa para alimentar a alma, para fortalecer as emoções, para pensar com o coração, para raciocinar com o fígado, para entender com o pâncreas! Livros didáticos e paradidáticos são insubstituíveis, porque nos trazem respostas, sem as quais é impossível compreender o mundo. A literatura não responde nada. Literatura pergunta. (FONSECA, 2012, p.159)

A concepção de literatura como função didática pedagógica deve ser superada, pois a mesma é uma arte, um ato de criatividade que representa o mundo e a vida por meio das palavras, proporcionando o prazer, e o pensamento reflexivo. Além disso, uma de suas finalidades “é abrir discussões sobre diferentes pontos de vista e temos de ter o cuidado de não empobrecê-la, reduzindo a uma única mensagem.” (FONSECA, 2012, 158).

Dessa forma o professor deverá utilizá-la como leitura literária, com intuito de aproximar o aluno (leitor) à uma prática cultural de natureza artística.

Visto a importância do uso correto da literatura na sala de aula, a criança vive repleta de grandes descobertas e possibilidades de compreensão do mundo, de modo a se construir como sujeito crítico. O ato de ler um livro ou apenas contar uma história para uma criança é proporcioná-la sentir emoções importantes, com o que cada história faz brotar, pois é enxergar, sentir e ouvir com o imaginário. Bem como, manifestar a curiosidade, igualar-se a determinados personagens e refletir sobre os conflitos da história, semelhantes ao seu cotidiano.

Ler para uma criança é o princípio para formar um futuro leitor, desta maneira o contato do educando com a literatura tem que ser proporcionado no âmbito escolar. Visto



que a escola é o espaço responsável pela formação do sujeito, e é nesse ambiente que deve-se priorizar a leitura, de modo a incentivar a utilização da mente, favorecendo o desenvolvimento intelectual do aluno. Assim a literatura no processo de ensino-aprendizagem pode ser uma grande aliada, devido a sua capacidade de suscitar a imaginação, já que,

Descobrir o mundo é encontrar novos conhecimentos pelo exercício constante da imaginação. Essa capacidade é própria da infância e pode ser percebida tanto no escrever quanto no ler. Dessa forma, acontece a leitura da realidade e da irrealidade, que estão dentro e fora do sujeito. Mesmo pequeno, o indivíduo já é capaz de ler: lê o cheiro, o jeito e o ritmo da mãe e do pai. Dessa forma progride, de leitura em leitura, de imaginação em imaginação, buscando o conhecimento. Ante a imaginação, o escritor é como uma criança inquieta e atenta, à procura de qualquer simples maravilha para encantar-se e descobrir novos conhecimentos sobre si mesmo e o mundo que o rodeia. (DOMINGUES, 2010, p.12)

Deste modo, a literatura não deve ser ensinada, mas sentida, vivenciada pelos educandos, no qual possa assimilar as histórias com suas práticas sócias, internalizando o conhecimento para seu próprio uso.

Além de alimentar a fantasia e imaginação das crianças, favorecendo o desenvolvimento da criatividade, as histórias possibilitam a aquisição de conhecimento literário, social, histórico e cultural. Portanto, é uma fonte inesgotável de conhecimento.

A literatura infantil desenvolve a inteligência por meio da diversão e do prazer. Pois as crianças vivem no mundo da fantasia e ouvem com atenção histórias que envolvem um mundo imaginário, em que apareçam príncipes, princesas, bruxas, vilões etc. Bem como afirma Fonseca (2012, p.24)

As histórias alimentam as brincadeiras de faz de conta das crianças, pois ampliam enredos, conflitos, personagens, cenários e desfechos. E, como num passe de magia, as crianças viram reis, rainhas, dragões, cavaleiros, animais falantes, fadas, magos, bruxas, feiticeiros, heróis e heroínas, com escudos, coroas, poções mágicas, feitiços e poderes. Personagens que ganham vida e contexto nas brincadeiras infantis baseadas no vasto repertório do “era uma vez”.

Desse modo, a literatura infantil se torna imprescindível na prática pedagógica do professor. O contato da criança com diferentes livros contribuem grandemente para seu desenvolvimento. Devido a essa importância, a relação entre criança e literatura não cabe somente à instituição escolar, mas sim no contexto familiar. Uma criança que desde muito pequena ouve histórias contadas por seus pais, irmãos, tios ou algum outro familiar,



logo se tornará um adulto leitor, capaz de ter o hábito a leitura, podendo entregar-se ou rebelar-se contra ela, isto é, ser um leitor ativo que dialoga com o autor, atribuindo sua significação ao texto lido. Oliveira (1996, p. 27 apud PEREIRA, 2007, p.07) afirma que,

A literatura infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua mamadeira. Ambos contribuem para o seu desenvolvimento. Um, para o desenvolvimento biológico e o outro, para o desenvolvimento psicológico, nas suas dimensões afetivas e intelectuais.

Favorecer oportunidades de leitura à criança, seja em casa ou na escola, é indispensável para seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. A literatura infantil além de direcionar a criança para a aprendizagem e aquisição do sistema da escrita, permite o desenvolvimento do raciocínio e pensamento crítico do estudante.

Deste modo, mediante a manipulação de materiais escritos a criança apresentará um progresso em sua aprendizagem da leitura e escrita. Entretanto, é necessário também, priorizar práticas que favoreçam o processo de letramento do estudante. Dar possibilidades para a criança verbalizar um acontecimento, contar ou recontar uma historia e falar sua opinião diante a uma determinada situação, são atividades de letramento. Portanto o professor pode utilizar a literatura como sua aliada nesse processo. Em virtude, da importância da literatura no processo de ensino-aprendizagem e reflexões perante a alfabetização e letramento na atualidade, relataremos nossa experiência de iniciação a docente em um 2º ano do ensino fundamental.

### 3 METODOLOGIA

O artigo resulta de uma prática pedagógica realizada por meio de um projeto de ensino, intitulado “lendo, criando e recriando”, foi desenvolvido pelas acadêmicas-bolsistas do PIBID Pedagogia da UNESC, com intuito de auxiliar o processo de ensino aprendizagem dos educandos.

Segundo Barbosa e Horn (2008) os projetos favorecem a aprendizagem por meio de múltiplas linguagens, e a aquisição de diversos conhecimentos de modo relacional e não sequencial. No entanto, é necessário planejar um currículo significativo para as crianças, sem que haja atividades sem sentido, repetitivas ou fragmentadas. Em razão disso, o projeto com a duração de 4 encontros, foi elaborado a partir do livro de



Michele Iacocca “As aventuras de Bambolina”, visando atender diferentes tipos de produções, como: texto, confecção de boneca pano, palitoches, peças teatrais, folder e desenho.

O SUBPROJETO-PIBID Pedagogia da UNESC é realizado na escola Acácio Alfredo Villain no bairro Montevidéu, localizado na cidade de Criciúma/SC. Durante as atividades na escola são atendidas 14 crianças, entre 7 e 8 anos de idade, pertencentes ao 2º ano do ensino fundamental.

Os encontros são feitos semanalmente contendo a duração de 8 horas, sendo 4 horas na escola atuando e 4 horas nas reuniões na UNESC. Estes encontros são destinados à momentos de estudos teóricos, planejamento e elaboração de projetos que serão realizados nas escolas e socialização das práticas de todos os grupos de bolsistas da pedagogia.

#### 4 EXPERIÊNCIA DE ENSINO

Fundamentadas nos conceitos apresentados anteriormente, em uma das nossas atuações no PIBID- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, construímos um projeto: “lendo, criando e recriando” de forma a auxiliar no processo de ensino aprendizagem das crianças, utilizando para isso diferentes estratégias metodológicas. O mesmo, foi realizado na turma do 2º ano do ensino fundamental da escola Acácio Alfredo Villain, localizado no bairro Montevideo, pertencente a rede municipal de criciúma/SC.

As atividades foram iniciadas a partir da apresentação do livro “As aventuras de Bambolina”, uma história sem palavras da autora Micheli Iacocca. Inicialmente fizemos uma roda, para que todos pudessem conhecer e manusear o livro, interagindo um com outro. Visto que, a mesma oportuniza um momento para todos ficarem juntos. Além disso, “a roda favorece a conversa e que um olhe para o outro enquanto fala. Ela ajuda a criar um clima de acolhimento e aconchego [...]” (FONSECA, 2012, p. 154). Neste momento, iniciamos um diálogo sobre as cenas do livro, no qual as crianças participaram efetivamente, opinando sobre as cenas, inclusive relatando suas experiências e vivências, relacionadas com a história.



Após convidamos as crianças para fazer a construção da escrita para a obra em coletivo, de modo a oferecer a oportunidade das crianças serem autoras por meio de sua oralidade, expressando suas opiniões e interpretações em relação ao livro. Deste modo, as crianças utilizaram sua imaginação e criatividade para narrar as cenas vistas. Os relatos sobre as mesmas foram anotados no quadro, no qual foi organizado e acrescentado os devidos conectivos. Em seguida, fizemos a leitura do texto e as crianças o transcreveram em seus cadernos. Visto que, a prática da escrita é a base para a efetivação da mesma.

No segundo encontro, priorizamos o trabalho em equipe, exigindo a mobilização e o envolvimento de todos sob o mesmo objetivo: a confecção de uma boneca de pano, isto é, dar vida a Bambolina, personagem da história citada anteriormente. Para isso, a turma foi dividida em três grupos, sendo que cada grupo ficou responsável pela confecção de uma parte da boneca (cabeça, corpo e membros). Para tal atividade, disponibilizamos diferentes materiais como: retalhos de panos, botões, barbantes, fitas e laços.

Em seguida, organizamos uma lista contendo um roteiro dos nomes das crianças que levariam a boneca para casa, juntamente com a releitura da obra de Michele Iacocca que foi construída em coletivo. Desta forma, todas as crianças tiveram a oportunidade de passar uma noite na companhia da boneca e compartilhar com seus familiares a história, praticando a leitura e brincando com a personagem da obra.

Na sequência, no terceiro encontro, oportunizamos às crianças que já haviam levado Bambolina para sua casa, que relatassem a experiência e o que fizeram na companhia da boneca. Após questionamos sobre o que havia acontecido no final da história “As aventuras de bambolina”. Depois de ouvi-las, dividimos a sala em três grupos, cada grupo deveria escolher uma história, que seria dramatizada pela Bambolina vestida de acordo com os personagens da narrativa escolhida. Cada integrante das equipes desenhou diferentes personagens para Bambolina, que após foram pintados, recortados e colados em palitos de madeira.

Na continuidade desta atividade, no quarto encontro as crianças realizaram as apresentações das histórias, foi um momento muito especial, em que as crianças contavam a história, encenando-a, de modo a desenvolver a oralidade, a criatividade e a confiança em si.



No segundo momento do encontro, sentamos em roda e mostramos uma imagem, a qual apresentava um cão abandonado. Assim iniciamos um diálogo sobre o tema, “Abrindo espaço para que o professor e crianças coloquem suas opiniões, falem de seus sentimentos e interpretações, façam relações com outras histórias, ou com um desenho animado, um filme, uma música, um acontecimento da vida.” (FONSECA, 2012, p.156-157)

Depois disso, propomos que os mesmos grupos a qual apresentaram o teatro se reunissem para produzirem um folder sobre a temática, visto a importância de trabalhar-se com diferentes gêneros textuais no processo de alfabetização e letramento, já que

A relação dos gêneros com suas respectivas situações comunicativa apresenta-se de extrema importância para o ensino, principalmente, porque envolve um contexto específico no qual se constata uma dada situação concretizada por um indivíduo que constitui e representa o discurso. Sendo assim, o gênero constitui-se em uma ferramenta de aquisição de conhecimentos discursivos para professores e alunos em sala de aula. (AMADO, 2013, p.25)

Por esses motivos, que oportunizamos o contato das crianças com o gênero folder, a fim de que as mesmas relatassem seus discursos sobre a temática. Portanto a culminância deste projeto deu-se com a exposição na escola de todas as produções da turma, para que houvesse a socialização com os demais membros da instituição. Desta forma foi um projeto de grande valia para as crianças e para nós acadêmicas, sua realização foi gratificante e de intensa reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem.

## 5 CONCLUSÃO

A trajetória histórica do processo de alfabetização e letramento passou por transformações conceituais e metodológicas que tinham o intuito de combater as dificuldades da aprendizagem da leitura e escrita. Ocorreram modificações desde a busca pelo melhor método para alfabetizar até a desmetodização desse processo. Contudo, ainda na contemporaneidade existem discussões sobre uma metodologia para alfabetizar, utilizando-se para isso métodos considerados tradicionais. Todavia, como apresentamos nesse estudo, a meta principal durante o processo de alfabetização e letramento é



oportunizar às crianças o acesso efetivo e competente ao mundo da escrita, deste modo, o professor deverá alfabetizar letrando, ou letrar alfabetizando. Para isso, o mesmo poderá recorrer a uma grande aliada nesse processo: literatura infantil.

Discorrer sobre literatura infantil, requer uma reflexão sobre suas raízes. Seu surgimento é fruto de exigências próprias da época, ou seja, a civilização europeia moderna, a emergência da família burguesa e a formulação de um novo conceito de infância foram alguns fatores que contribuíram para seu nascimento. Deste modo, a mesma surgiu com caráter pedagógico, a fim de ensinar moralmente as crianças. Portanto, existe uma divergência entre uma literatura infantil utilitária e uma literatura poética /literária.

O ato de explorar a essência artística da literatura deve ser priorizado nas práticas pedagógicas dos docentes, isto é, não conceber a mesma apenas como uma obra didático-pedagógica a fim de ensinar conteúdos ou comportamentos adequados.

Diante do exposto, a imaginação é eminentemente relevante no processo de ensino aprendizagem, já que ela é ponte para as produções dos educandos, estando cientes disto, procuramos oportunizá-la em nossas práticas do PIBID. Assim, como apresentamos o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência é uma excelente oportunidade para os acadêmicos, a partir dele é possível uma práxis enriquecedora de grandes aprendizagens, devido a abertura dos âmbitos escolares para os futuros professores. Em culminância, o PIBID nos oportuniza trocas de conhecimentos com os profissionais formados e essa experiência auxilia os mesmos em sala de aula e em nossa formação profissional.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Angela Aparecida Fernandes. **Gêneros textuais na alfabetização e letramento**. 2013. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UNISALESIANO, Lins-São Paulo.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa /Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 144p.

DOMINGUES, Cristiane Lumertz Klein. A importância da imaginação na educação. **Analecta**, Guarapuava, Paraná v.11 n. 2 p. 11-22 jul./dez. 2010.



FONSECA, Edi. **Interações**: com olhos de ler. Josca Ailine Baroukh, coordenadora; Maria Cristina Carapeto Lavrador Alves (Org.) São Paulo: Blucher, 2012. 184 p.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? Coleção Linguagem e letramento em foco: linguagem nas séries iniciais. Ministério da Educação. Cefiel/IEL. UNICAMP. 2005-2010. 65 p.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil.** Brasília: Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, 2006. 16 p.

PEREIRA, Maria Suely. A importância da literatura infantil nas séries iniciais. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, Campo Largo, v. 6, n. 1, p. 1-9, jun. 2007.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento: caminho e descaminhos. **Revista Pátio**, ano. VII, n. 29, p. 96-100, fev./abr. 2004.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 11. ed. São Paulo: Global, 2003. 240 p.

## Trabalho completo de relato de ensino

### 35486 - BRINCANDO COM AS PALAVRAS: APROXIMANDO A FAMÍLIA DA ESCOLA POR MEIO DA LEITURA

**Karen Silva Bitencourt da Silva**

Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Pós Graduanda do Curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional e bolsista do Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina – UNIEDU. Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Marcílio Dias San’Thiago. Professora de Educação Infantil.

O projeto “Brincando com as palavras” teve como objetivo estimular o fortalecimento do vínculo afetivo entre as famílias, possibilitando que estas se envolvam no processo de aprendizagem por meio da leitura em casa. Para atingir aos objetivos propostos, foi elaborado um projeto de leitura que pretendia que a cada semana, uma criança levasse para casa uma maleta com livros de histórias infantis, uma caixa de giz de cera, um lápis de escrever e um caderno de registro, no qual as famílias deveriam registrar como foi a experiência. Além do relato dos responsáveis, a criança também desenharam o que entenderam das histórias lidas e, no dia seguinte, contaria a história para os colegas na sala de aula. Esta atividade promoveu o desenvolvimento de várias habilidades, tais como a oralidade, uma vez que a criança deveria recontar a história, capacidade de compreensão e interpretação, registro, memória, atenção, autonomia, responsabilidade, entre outros aspectos. A escolha do tema para a elaboração do projeto se deu por conta do baixo índice de participação da comunidade escolar e das famílias na referida escola. Muitas crianças apresentavam queixas de que os pais não eram presentes na hora de ajudar nas tarefas de casa e muitos pais também não compareciam às reuniões, sendo assim, as famílias não acompanhavam o desenvolvimento e o processo de aprendizagem das crianças. Além disso, a escola frequentemente era vítima de atos de vandalismo e roubos, o que sinalizava que a comunidade não olhava para a escola como um espaço de fundamental importância para o desenvolvimento e para a vida das crianças. O uso de diferentes gêneros textuais e o ensino da literatura na educação infantil, quando acontece de forma lúdica, favorece o processo de desenvolvimento cognitivo, uma vez que estimula a imaginação, criatividade, capacidade de interpretação, conceitos essenciais para que o letramento e a alfabetização, nos anos posteriores, possam acontecer de forma tranquila. Uma outra característica da escola é o grande índice de crianças que apresentam problemas da aprendizagem no processo de alfabetização, dessa forma, o projeto pode contribuir significativamente nesse sentido. A escola se situa numa comunidade onde a maioria das famílias tem baixa renda ou média. Muitas vezes, os professores trabalham com falta de materiais, sem os devidos suportes didáticos, a escola não tem muitos recursos financeiros, visto que trata-se de uma escola da rede municipal. Muitas vezes os professores precisam comprar os materiais com o próprio dinheiro porque não recebem os recursos necessários. Neste contexto, a criatividade e organização no planejamento do professor fazem toda a diferença.

**Palavras-chave:** educação infantil, literatura, interação, cuidadores, vínculos afetivos.

**Fonte financiadora:** UNIEDU – Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina

## 1 INTRODUÇÃO



É certo que a Escola de Educação Infantil é um espaço no qual as crianças passam a maior parte do tempo da sua Primeira Infância. A criança, nesta idade, está descobrindo a si mesmo, o mundo à sua volta e iniciando a sua caminhada escolar. Embora a educação infantil seja vista historicamente como um espaço de cuidados para com a criança, a visão assistencialista da educação infantil já foi superada, uma vez que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional afirma que a criança, a partir dos quatro anos, obrigatoriamente deve estar matriculada na Escola, considerando a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica.

Os professores da Educação Infantil de uma escola da Rede Municipal de Criciúma da região de Vila Manaus, frequentemente ouvem queixas (por parte das crianças) de que os pais não tinham tempo para elas, que gostariam que os pais ajudassem nas tarefas. Nas reuniões de Pais e Mestres realizadas pela escola ao longo do ano letivo na referida turma, apenas dois ou três pais e mães compareciam, demonstrando assim o baixo índice de envolvimento da família no processo de ensino-aprendizagem.

As pesquisas realizadas na escola nos anos anteriores apontaram que muitas crianças tinham dificuldades no processo de alfabetização. Partindo desse pressuposto e da necessidade de envolver a família no processo de desenvolvimento e aprendizagem, fortalecendo os vínculos afetivos, foi realizado um diagnóstico das famílias da turma em relação à prática de leitura em casa. O diagnóstico se deu por meio de um questionário enviado para casa como tarefa para que os pais e responsáveis respondessem sobre os hábitos de leitura da família.

A pesquisa apontou que a maioria das crianças não possui livros de histórias infantis em casa. Questionados se têm o hábito de ler com e para os filhos, muitos pais também afirmaram não ter esse costume.

Um dos pesquisados afirmou que com o uso da tecnologia, não é mais necessário ter livros impressos, uma vez que hoje em dia podemos ter acesso a qualquer livro em pdf ou outros formatos digitais.

É preocupante a situação em que se encontra a realidade da educação brasileira, pois a leitura e a manipulação de livros, revistas e materiais impressos auxiliam no desenvolvimento motor, cognitivo, visual, além de proporcionar à criança a percepção



de orientação da escrita, espaçamento, leitura por meio das imagens, entre outros aspectos.

Magda Soares, numa entrevista para o blog Tempo de Creche (2017) descreveu como ocorre o processo de letramento na vida da criança:

[...] ela nasce rodeada de escrita, seja em que contexto social for nas sociedades atuais centradas na escrita, vê a língua escrita com frequência à sua volta, observa pessoas lendo e escrevendo – vai compreendendo os usos e as práticas sociais da escrita, vai se *letrando*. Esse letramento desperta a curiosidade e o desejo de aprender a tecnologia, e a criança vai progressivamente se apropriando dela, por meio da família e, sobretudo, por meio da instituição escolar.

Nesse sentido, foi elaborado um projeto que inicialmente denominamos “Maleta da Leitura”, mas que depois, como a maleta utilizada para enviar os livros para casa acabou se rasgando, ganhou o nome de “Brincando com as palavras”. De qualquer forma, o projeto nasceu com o intuito de estimular o fortalecimento do vínculo afetivo entre as famílias, possibilitando um momento de descontração, leitura e aproximação entre pais (mães, avós, tios, tias, cuidadores em geral) e as crianças. Além disso, por meio da prática da leitura, as crianças entrariam em contato com a literatura infantil e assim, o projeto também proporcionou a ampliação do vocabulário, bem como o desenvolvimento da imaginação, criatividade e capacidade de compreensão.

O Projeto teve como objetivo geral “Estimular o fortalecimento do vínculo afetivo entre as famílias, possibilitando que estas se envolvam no processo de aprendizagem por meio da leitura em casa.” São metas específicas: vivenciar situações de leitura e escrita; conhecer diferentes gêneros textuais; descrever características de personagens e cenários das histórias trabalhadas; participar oralmente da construção de textos coletivos a partir de situações vivenciadas e histórias; ouvir histórias diferenciadas, refletindo sobre o que querem dizer; registrar as histórias por meio de desenhos e ainda, como já mencionamos, ampliar a possibilidade de interação entre família-escola, fazendo com que os pais e cuidadores tomassem parte no processo de aprendizagem.

## 2 METODOLOGIA

A turma em que o projeto foi desenvolvido é uma turma de pré-escola, composta por dezessete crianças de idade entre cinco e seis anos, que moram numa



região urbana da cidade. A maioria das crianças já freqüentava a escola no ano anterior, porém algumas crianças ingressaram este ano na caminhada escolar. A maioria das crianças já conhece as letras do alfabeto, seu nome, mas ainda não se apropriaram da linguagem escrita, até porque a educação infantil não tem o objetivo de alfabetizar, embora o processo de alfabetização e letramento já comece antes de a criança entrar no primeiro ano, embora nesta idade aconteça de maneira lúdica, por meio de atividades que objetivam desenvolver outras linguagens, não apenas a linguagem escrita formal.

Uma das maiores dificuldades encontradas no processo de ensino-aprendizagem, de acordo com os professores e equipe diretiva é a falta de participação da família na educação dos filhos. Muitas crianças moram com avós, outros com tios, enfim, há várias estruturas familiares. Entretanto, percebe-se que a comunidade local não valoriza a escola como um espaço de fundamental importância para o desenvolvimento integral das crianças. É comum nos finais de semanas a escola ser acometida por atos de vandalismo e roubos. Quando a escola realiza reuniões para pais e mestres, com o objetivo de integrar as famílias aos processos educativos, muitos pais e responsáveis se ausentam sob a justificativa de estarem trabalhando ou de possuírem outros compromissos. Percebemos, com o passar dos anos que as crianças estão procrastinando no processo de alfabetização, gerando problemas de aprendizagem.

Houve a necessidade de pensar numa forma de aproximar as famílias e conscientizá-las da importância da sua presença na formação das crianças em idade escolar, além de repensar a importância de inserir a criança num ambiente letrado, dando acessibilidade a fontes de leituras de diversos gêneros textuais.

O diagnóstico acerca da atividade de leitura em casa foi realizado por meio de questionário enviado para as famílias responderem conforme os hábitos.

O questionário foi enviado para as dezessete crianças. O questionário deveria ser respondido pelo responsável pela criança com as informações sobre os hábitos e reais condições de cada família. Apenas onze crianças retornaram com os questionários preenchidos. Algumas famílias perderam a folha da pesquisa e outros ainda disseram não ter tempo para responder. Como foi dado um prazo de três semanas para responderem, não solicitou-se mais para os que não haviam dado retorno.

Questionados se possuem livros infantis em casa, dos 11 respondentes, seis afirmaram que possuem livros infantis. Cinco crianças não possuem. A pesquisa buscou



verificar se, na família, alguém tem o hábito de ler para a criança. Da mesma forma, seis responderam que lêem para as crianças antes de dormir e nos finais de semana. Cinco pesquisados não lêem. Sobre o hábito da leitura entre os adultos da casa, o questionário questionava se lêem jornais, revistas, livros, entre outros. Seis pesquisados responderam que costumam ler e cinco responderam que não lêem.

De acordo com a pesquisa realizada, foi possível observar que as famílias que têm o hábito de leitura, são as mesmas que compram livros para as crianças e lêem para elas. Acredita-se que é de fundamental importância que a criança tenha contato com livros e materiais diversos para que a leitura se torne agradável, já que muitas crianças seguem os exemplos dos pais.

Em roda de conversa, com as crianças, a professora elaborou um gráfico que mostrava as crianças, os dados obtidos com a pesquisa. O trabalho com gráficos na educação infantil torna-se um instrumento possibilitador de aprendizagem no campo do raciocínio lógico-matemático, uma vez que é possível mostrar, concretamente, as respostas que cada um trouxe como contribuição nos questionários. Após analisarmos as respostas de cada criança, quem possui ou não livros, quais pais lêem para eles, entre outros, as professoras perguntaram as crianças se elas gostariam que os pais e cuidadores tivessem um tempo para ler para elas. Unanimemente, a turma respondeu positivamente, que gostariam que os adultos lessem mais para elas.

A ideia do projeto foi, então, apresentada à turma. A cada semana uma criança que seria escolhida por meio de sorteio, levaria a Maleta da Leitura para casa. A criança deveria escolher um livro e o pai, a mãe ou outro adulto, juntamente com a criança, iria ler a história. Depois de ler, a família deveria registrar como foi a experiência de ler juntos e a criança deveria representar, por meio de desenho o que entendeu da história. Na segunda-feira seguinte, quem levou os livros, deveria contar à turma a história que foi lida e falar como foi o momento em casa.

Além de estimular a leitura, o projeto viabilizou que as crianças respondessem positivamente à ideia de se expor na frente dos colegas, superando a timidez e o medo de errar. Muitas crianças apresentam dificuldades de falar diante da turma e com esta atividade, naturalmente, haveria o desenvolvimento da linguagem oral.

O projeto envolveu as crianças do Grupo 6 A, as famílias e a professora regente do período matutino. As atividades referentes ao projeto compreendiam o



primeiro semestre de 2017, entretanto, observando os resultados positivos, no segundo semestre, ampliamos a ideia, sendo que então inserimos um caderno de parlendas e trava-línguas, que as famílias, da mesma forma, devem ler e registrar.

De acordo com Barbosa e Horn, o projeto deve ser flexível, podendo ser estendido para mais ou menos tempo de acordo com a necessidade e interesse da turma. Assim sendo, o projeto que deveria terminar em julho, acabou ganhando um outro olhar, se estendendo durante todo o ano letivo.

A principal dificuldade encontrada se deu por conta de que algumas famílias levaram os livros (a maleta, caixa) para casa e não trouxeram no dia combinado. Em alguns momentos, foi necessário enviar bilhetes solicitando que devolvessem o material, uma vez que havia colegas ansiosos por também poder participar da atividade. Durante o projeto, as crianças relataram como era ter os pais lendo para eles, alguns pediram para levar os livros novamente porque era a oportunidade de estar perto dos pais fazendo uma atividade em comum. “Queria que a minha mãe tivesse tempo para ler para mim mais vezes, prô!”, falou uma delas ao devolver a maleta.

O relato das mães também foi bem significativo. A mãe de um menino de cinco anos relatou: “Experiência muito produtiva. Esse projeto foi um incentivo não só para as crianças, mas para nós, pais, também termos o hábito de ler com eles. Adorei! Quero fazer mais vezes!”

Outras mães, ao registrar a experiência, escreveram: “[...] Mesmo que a minha filha não saiba ler ainda, esse projeto foi um incentivo a mais para estarmos com ela, tirando um tempo para ela. E ela interagiu muito bem às tarefas, querendo que lêssemos para ela a todo momento, foi muito bom. A escolha do livro para a atividade me chamou muito a atenção, porque ela bem dizer decorou o livro e dava muitas gargalhadas quando contávamos a história.”

“Este trabalho nos permitiu fazermos juntos e aprender um pouco do mundo que meu filho está vivendo na escola. Agradeço aos professores pois são grandes profissionais dedicados, cuidando do aprendizado do meu filho”.

Pelos registros das famílias, percebeu-se que o objetivo foi alcançado, visto que esse é um processo lento e não termina aqui. A escola só pode obter os resultados desejados se houver uma participação ativa da comunidade escolar.



### 3 CONCLUSÃO

Observando os registros dos pais e responsáveis em relação às experiências de leituras, é possível considerar que o projeto atingiu seus objetivos propostos, já que houve uma participação ativa da família no processo de ensino e aprendizagem. Algumas famílias relataram que o projeto proporcionou um momento de proximidade junto à criança, o que para nós é gratificante, uma vez que a criança, atualmente, de modo geral, tem se distanciado dos pais no sentido de estarem fazendo algo juntos.

É comum verificar nas falas de pais e mães que as crianças passam a maior parte do tempo na frente do computador, desde muito pequenos. Os filmes, desenhos animados, games e toda a sorte de apelo midiático têm, em muitos casos, superado e substituído a presença dos pais. A correria do dia a dia faz com que as mães e pais, tios, avós, cuidadores, de maneira geral, cheguem do seu trabalho a noite e liguem a máquina de lavar, ao mesmo tempo em que fazem a janta e esperam a cafeteira preparar um café corrido. Muitas famílias já nem sentam mais a mesa juntos para uma refeição. Os momentos de família reunida estão se perdendo e as conseqüências são crianças desatentas (ou desatendidas?), crianças que não têm fluência na leitura e nem na escrita, e muitas vezes, crianças que não desenvolvem senso crítico porque não tiveram a oportunidade de aprimorar as suas capacidades cognitivas por conta de uma poluição tecnológica.

Resgatar a importância da leitura, estimular o hábito de ler e contar histórias, falar da importância das famílias em pleno século XXI, é um desafio necessário. A educação está pedindo socorro. Algumas crianças, no decorrer do projeto, apresentaram um pouco de dificuldade na hora de contar a história. A insegurança de falar em público, o medo de errar, a vergonha, tudo isso são aspectos que o projeto ajudou a trabalhar. As crianças, aos poucos, foram percebendo que todas tinham as suas dificuldades e que, se errassem, não teria problema nenhum. Com o passar do tempo, as crianças já estavam mais desinibidas e a linguagem oral foi se desenvolvendo de maneira considerável, ampliando o vocabulário e a capacidade de contar uma história com começo, meio e fim.



(As alunas Isabella (à esquerda) e Ketlyn Isadora (à direita), contando história para a turma.)

Projetos semelhantes a este já foram, certamente, desenvolvidos em outras instituições, entretanto, percebendo a necessidade da escola, pensamos considerou-se que este seria um recurso para atingir aos objetivos propostos. Compreender a realidade de cada escola, permite ao professor escolher a metodologia que melhor se encaixa às necessidades de uma região ou turma específica.

Esse projeto pode ser desenvolvido por professores de educação infantil e ensino fundamental, tanto das classes convencionais como das classes de Atendimento Educacional Especializado (AEE), pois a leitura abre caminhos para a descoberta de inúmeras possibilidades. Várias potencialidades podem ser desenvolvidas a partir dessa ideia, cabendo ao professor fazer as devidas adaptações.

Cabe os educadores, avaliarem a sua prática constantemente, refletindo sobre as dificuldades e as possibilidades, fazendo uma autoanálise de sua prática pedagógica. A educação infantil não visa a promoção para uma série posterior, é vista como um processo em que a criança está se desenvolvendo em todos os aspectos, cognitivo, motor e afetivo.

Cada criança desenvolve-se a seu próprio tempo, sendo que acreditamos que todas as crianças podem aprender, de acordo com uma concepção sócio interacionista, que é a abordagem pedagógica adotada pelo nosso município e que, conseqüentemente, norteia a nossa prática.

Sendo assim, a cada história aprendida, a cada momento partilhado pelas famílias é um novo degrau que subimos em direção a uma docência mais preocupada em atender as especificidades de nossas crianças. Por meio dos relatos apresentados pelas



famílias, percebemos o envolvimento dos pais em relação ao processo de aprendizagem e após este projeto, alguns pais começaram a mostrar-se mais abertos ao diálogo nos momentos de chegada das crianças na escola pela manhã. Acredita-se que, ao integrar a família e escola, possibilitamos que a educação seja pensada e refletida além dos muros da escola.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem. HORN, Maria da Graça. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SOARES, Magda. **Criança e reinvenção da Escrita**. Disponível em <<http://www.tempodecreche.com.br/?s=letramento+magda>>. 22 de agosto de 2017

## Trabalho completo de relato de ensino

### 35489 - EXPERIÊNCIAS SENSITIVAS NA PRÉ-ESCOLA COMO METODOLOGIA INCLUSIVA

Karen Silva Bitencourt da Silva<sup>1</sup>, Márcia Bertan de Oliveira<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Pós Graduanda do Curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional e bolsista do Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina – UNIEDU. Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Marcílio Dias San’Thiago. Professora de Educação Infantil;

<sup>2</sup>Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Graduanda do Curso de Pedagogia e bolsista no Subprojeto Interdisciplinar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID.

O projeto “Sou diferente, e daí?” deu origem ao relato de ensino intitulado “Experiências Sensitivas na Pré-Escola Como Metodologia Inclusiva” e tem como objetivo geral promover a reflexão acerca das diferenças promovendo o desenvolvimento da linguagem oral, gestual, da coordenação motora, além de promover o desenvolvimento cognitivo por meio de experiências sensitivas. A ação foi realizada na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Professor Marcílio Dias de Sant’Thiago, numa turma de pré-escola, denominado grupo 6 A, pela professora Karen Silva Bitencourt da Silva e auxiliado voluntariamente pela acadêmica Márcia Bertan de Oliveira Rankel. A turma é composta por dezessete crianças de idade entre quatro e seis anos, todas moradoras da região da Vila Manaus, Criciúma, Santa Catarina. A escola atende cerca de 325 alunos, desde a educação infantil até o nono ano do ensino fundamental. O propósito de trabalhar a reflexão acerca das práticas inclusivas desde a educação infantil parte do pressuposto de que a criança, nesta idade, está formando seu pensamento e seu caráter e dessa forma, podemos contribuir significativamente para que a educação inclusiva aconteça naturalmente. As atividades desenvolvidas são ações de metodologias simples, porém que expressam a preocupação em discutir a questão da escola inclusiva numa perspectiva reflexiva e de respeito a todas as pessoas, garantindo que as crianças se percebam como seres únicos e portanto, diferentes entre si. Acreditamos que a educação inclusiva, de modo geral, tem o objetivo de eliminar a exclusão e a discriminação, garantindo o direito à igualdade de acesso e oportunidades a todas as pessoas. Sendo assim, cabe à escola, gerar ações para que a inclusão, de fato, aconteça. É preciso que o olhar do professor esteja sobre as potencialidades e não sobre as dificuldades, já que todas as pessoas, independentes de suas limitações físicas, têm capacidades de aprender. Esse projeto é um pequeno passo em direção à mobilização da comunidade escolar para a conscientização de uma sociedade mais igualitária.

**Palavras-chave:** educação infantil, inclusão, atividades sensoriais, criança, protagonista.

**Fonte financiadora:** UNIEDU – Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina

## 1 INTRODUÇÃO

Nas escolas e universidades se discute a educação inclusiva, sendo ela, tema de seminários, palestras e cursos. Entretanto o que se percebe é que, na prática, a



inclusão é um processo em construção, visto que não temos um manual de como fazer dar certo, porque cada turma é diferente, cada escola tem sua realidade e cada professor precisa adaptar a sua metodologia para que, de fato, a inclusão possa vir acontecer.

Nossa preocupação enquanto educadores da educação infantil é formar cidadãos, desde pequenos, conscientes, reflexivos e sobretudo, que respeitem o ser humano como um ser único e, portanto, diferente, com necessidades singulares. Não é necessário ter, na turma, uma criança com deficiência, síndrome ou transtorno para que venhamos trabalhar a educação inclusiva. Pelo contrário, acreditamos que a escola precisa se preparar para receber o ser humano, independente das suas condições.

O projeto foi desenvolvido em uma escola da Rede Pública Municipal de Criciúma, numa turma de pré-escola, denominado grupo 6. A turma é composta por dezessete crianças de idade entre quatro e seis anos, todas moradoras da região da Vila Manaus, Criciúma, Santa Catarina. A escola atende cerca de 325 alunos, desde a educação infantil até o nono ano do ensino fundamental.

O propósito de trabalhar a reflexão acerca das práticas inclusivas desde a educação infantil parte do pressuposto de que a criança, nesta idade, está formando seu pensamento e seu caráter e dessa forma, podemos contribuir significativamente para que a educação inclusiva aconteça naturalmente como um processo já que

A construção de uma sociedade inclusiva é um processo de fundamental importância para o desenvolvimento e manutenção de um Estado Democrático. Entende-se por inclusão a garantia, a todos, do acesso contínuo ao espaço comum da vida em sociedade, sociedade essa, que deve ser orientada por relações de acolhimento à diversidade humana, de aceitação das diferenças individuais, de esforço coletivo, na equiparação de oportunidades de desenvolvimento, com qualidade, em todas as dimensões de vida. (BRASIL, 2001, p.21)

Nesse sentido, acreditamos que a educação inclusiva pode ser praticada mesmo que não tenhamos nenhuma criança com necessidades especiais na turma, uma vez que todos nós somos diferentes e precisamos preparar o nosso olhar e a percepção das crianças, tornando as vivências, um processo mais humanizado e no qual as crianças sejam as reais protagonistas.

## 2 METODOLOGIA



A infância é uma fase em que o sujeito se comunica com o mundo por meio das sensações e de todas as suas linguagens, portanto a educação infantil, de acordo com BRASIL (1996, Art.29), objetiva o “desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social”. Desse modo, diferentemente do que se acreditava até décadas atrás, quando a educação infantil tinha ainda um caráter assistencialista, a educação infantil atualmente, possui fins pedagógicos.

Nesse contexto, a criança deve, na educação infantil, estar em contato com atividades de diferentes formatos, que visem promover a ampliação das suas competências e habilidades, a fim de que se desenvolva integralmente. As atividades devem ser protagonizadas pelas crianças, isso significa que elas devem, de fato, participar ativamente do projeto, desenvolvendo a imaginação, criatividade, autonomia e o respeito pelo outro.

Este relato se propõe a discutir algumas atividades que foram realizadas com o objetivo de promover a reflexão acerca das diferenças promovendo o desenvolvimento da linguagem oral, gestual, da coordenação motora, além de promover o desenvolvimento cognitivo por meio de experiências sensitivas.

Numa segunda-feira, enquanto estávamos na roda de conversa que fazemos todas as manhãs, na qual as crianças trazem informações sobre os finais de semana, sobre a família, ou podem perguntar algo que desejam ou ainda comentar algo que viram ou aprenderam, uma criança perguntou: “Professora, por que o Saci Pererê tem uma perna só?” O assunto rendeu muitas hipóteses pelas crianças e ficou decidido que ele havia nascido assim. Um menino, respondendo ao amigo, respondeu, “Porque ele tem uma deficiência, ué...”.

As crianças ficaram curiosas em saber o que era isso e como era viver assim. Começamos então a trazer, a cada semana, uma atividade ou uma história que levasse a uma reflexão acerca das diferenças. Para sanar a curiosidade sobre o saci pererê, levamos fotografias de cadeirantes, pessoas que possuem alguma deficiência física e tentamos mostrar às crianças que estas pessoas são como nós, com as mesmas necessidades e podem fazer as mesmas coisas, apenas tem algumas limitações, mas com ajuda ou com um acesso adequado, podem ir a qualquer lugar e podem trabalhar, estudar, se divertir, casar, ter filhos e podem ser muito legais. Algumas crianças relataram

que conhecem pessoas que tem apenas um braço, outras ainda se referiram ao ônibus adaptado para cadeirante, dizendo que por isso que o ônibus “tinha que ter elevador”.

Para refletir sobre aqueles que não possuem braços ou não têm coordenação motora nos membros superiores, realizamos uma atividade utilizando a boca para segurar o pincel e realizar a pintura. Foi um desafio porque estamos acostumados a utilizar os braços e mãos e não refletimos na possibilidade de realizar outros tipos de movimentos. Contudo, a atividade proporcionou grandes discussões naturalmente sobre a inclusão, pois as crianças são sensíveis e não têm (pré)conceitos como nós, adultos, que muitas vezes, subestimamos a capacidade das pessoas por apresentar alguma condição diferente de nós.

**Figura 1 e Figura 2** Crianças pintando com a boca.



Outra atividade realizada foi a pintura utilizando os pés, com o mesmo objetivo. Além de promover essa humanização e reflexão acerca das diferenças, atividades assim visam promover o desenvolvimento de diferentes percepções sensitivas, trabalhando cores, tato, noção espacial, entre outros aspectos.

Atividades sensoriais são, de maneira geral, uma forma divertida de aprender. As crianças entram em contato com o objeto de conhecimento e atua sobre ele, além de interagir com o ambiente e com o outro. Nessas interações, as crianças aprendem a resolver conflitos, desenvolvem autonomia, aprendem mais acerca de si mesmo e do ambiente no qual se inserem. Explorar a natureza de formas diversas faz com que a criança perceba as inúmeras possibilidades ao nosso redor e percebam-se como parte do ambiente.



Acerca das pessoas que não podem enxergar (cegos), trabalhamos com a possibilidade do tato e paladar, salientando que os cegos têm a audição mais desenvolvida que nós, que enxergamos, porque a maneira que eles “vêem” o mundo é pelo ouvir e sentir. Para discutir sobre esse subtema, pedimos às crianças que levassem frutas para a escola, mas não falamos qual atividade seria realizada. As crianças trouxeram frutas diversas, entre elas, algumas que não conheciam ainda, pois pedi que, preferencialmente, trouxessem frutas que não estavam acostumadas a comer todos os dias.

No dia seguinte, após lavar as frutas, cortamos todas, na frente das crianças e colocamos cada tipo de fruta em um recipiente separado. De olhos vendados, as crianças deveriam sentir o sabor da fruta e tentar descobrir que fruta era aquela. Surpreendemo-nos ao ver que as crianças não apresentaram resistência para degustar as frutas, o que achamos que aconteceria. Depois da atividade, as crianças puderam saborear uma deliciosa salada de frutas. Além de proporcionar o conhecimento das frutas que muitas crianças nunca tinham provado por acharem que não gostavam por causa da aparência, a experiência promoveu a reflexão acerca das pessoas que não conseguem enxergar, e por isso “vêem” o mundo através do tato, audição, paladar.

Paralelamente, trabalhamos algumas histórias que tratavam das diferenças e permitiam uma reflexão sobre o respeito ao outro. As histórias trabalhadas foram: A menina Gigante, de Manuel Jorge Marmelo; Elmer, o Elefante Xadrez, de David Mckee, A joaninha Diferente, de Regina Célia de Melo, entre outras. A cada leitura, as crianças percebiam que todos nós temos algumas limitações e precisamos respeitar nossos colegas como gostaríamos de ser respeitados. Ao contar a história “Ninguém é igual a ninguém” (Regina Otero e Regina Rennó), discutimos sobre as diferentes características dos personagens, relacionando-as a realidade da turma. Em seguida, construímos bonecos de TNT com o perfil das crianças da sala.

Para a realização desta atividade, levamos o TNT e estendemos no chão da sala. Pedimos que algumas crianças com diferentes perfis deitassem sobre o tecido e outra criança, utilizando giz de quadro a contornasse. Dessa forma, construímos diferentes modelos de bonecos para ilustrar a história promovendo uma reflexão.

No andamento do trabalho, percebemos a necessidade de inserir o alfabeto na língua brasileira de sinais (LIBRAS), paralelo ao trabalho com o alfabeto na língua

portuguesa, já que as crianças estão iniciando um processo de alfabetização e letramento, ainda que maneira lúdica.

A opção por ensinar o alfabeto em libras se deu pela necessidade de comunicação com as pessoas surdas na sociedade. A escola se preocupa realizar uma alfabetização neste sentido, embora ainda seja apenas a inserção do alfabeto. Já consideramos um grande passo visto que as crianças não tinham nenhum conhecimento sobre a língua brasileira de sinais e mostraram-se bem curiosas quando lhes foi apresentado.

**Figura 3** Crianças aprendendo a letra C em língua portuguesa e em Libras



À medida que apresentamos as letras do alfabeto, as crianças percebiam o fonema que a respectiva letra representa e como é o seu sinal em libras.

Essa conscientização acerca da linguagem dos sinais é necessária para que a sociedade perceba que as pessoas surdas têm direito a serem ouvidas, a terem “voz”. Infelizmente nem todos os professores têm essa responsabilidade social e não estamos devidamente preparados. Mas é nossa responsabilidade e nosso dever enquanto educador promover essa discussão na escola, tendo ou não alunos surdos.

### 3 RESULTADOS

O projeto “Sou diferente, e daí?” foi realizado com a turma de pré- escola ao longo do ano letivo de 2017, estando ainda em processo de finalização. Acreditamos que



é nesta idade que a criança desenvolve a sua percepção sobre o mundo, sobre si mesmo e sobre o outro, se tornam pessoas críticas e ampliam a sua compreensão sobre a vida. Nesta faixa etária, torna-se necessário refletir sobre os valores, generosidade, solidariedade, empatia, respeito ao próximo e valorização das diferenças. A aprendizagem, nesse sentido, acontece na troca de experiências, nas rodas de conversas e por meio dos diferentes momentos de aprendizagem e troca de conhecimento.

De acordo com Barbosa e Horn (2008), o projeto deve surgir de uma necessidade ou do interesse das crianças, sendo elas os protagonistas da ação docente, deve, portanto, ser flexível, podendo ser estendido para mais ou menos tempo.

As crianças se mostraram motivadas a participar das atividades e discussões, levantando questionamentos e contribuindo com falas significativas. Desse modo, percebemos que os objetivos propostos foram alcançados, já que houve uma sensibilização em relação às diferenças.

#### 4 CONCLUSÃO

A educação inclusiva, de modo geral, tem o objetivo de eliminar a exclusão e a discriminação, garantindo o direito à igualdade de acesso e oportunidades a todas as pessoas. Sendo assim, cabe à escola, gerar ações para que a inclusão, de fato, aconteça.

É preciso que o olhar do professor esteja sobre as potencialidades e não sobre as dificuldades, já que todas as pessoas, independentes de suas limitações físicas, têm capacidades de aprender.

Esse projeto é um pequeno passo em direção à mobilização da comunidade escolar para a conscientização de uma sociedade mais igualitária.

#### REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem. HORN, Maria da Graça. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1998. v. 1 e 3.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

## Trabalho completo de extensão

### 37625 - ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

**Beatriz Teixeira Back, Aline Dagostin Spillere, Patrícia Tavares Nichele, Gislene Camargo.**

Universidade Do Extremo Sul Catarinense, Brasil, Santa Catarina

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) oportunizou que acadêmicas do curso de Pedagogia da UNESC, desenvolvessem uma atividade lúdica relacionada ao alfabeto, nesse caso a atividade “A amarelinha alfabética”, que foi realizada pelas pibidianas em conjunto com crianças de 4 e 5 anos de idade, na escola campo. Partindo dessa experiência, construiu-se o presente artigo, com o objetivo de abordar a importância da brincadeira entrelaçada com a alfabetização e o letramento na Educação Infantil. Para fundamentar essa questão, buscou-se reunir conceitos e conhecimento de diversos pesquisadores da área, como COLELLO (2014), FANTIN (2000), GALVÃO (1995), KLEIMAN (2002), MICOTTI (2014), VYGOTSKI (1995), entre outros, para agregar na discussão de uma pesquisa bibliográfica. Por fim, observou-se que as crianças puderam concretizar o objetivo da atividade que foi realizada, evidenciando a importância da alfabetização ser trabalhada em conjunto com o letramento, o que possibilitou às bolsistas, constatar que a brincadeira deve permear as situações de ensino e aprendizagem, no sentido de alfabetizar/letrando com significado.

**Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Brincar. Educação Infantil. PIBID.**

## 1 INTRODUÇÃO

A amarelinha alfabética foi uma brincadeira que se originou da sequência didática proposta pela professora supervisora, com o tema “alfabeto”. Que surgiu da necessidade que as crianças tinham de conhecer as letras do alfabeto. Este tema foi destinado às crianças da Educação Infantil da escola Padre Paulo Petruzzellis, localizada no Município de Criciúma - SC. Por meio desta temática, procuramos fazer um projeto com brincadeiras lúdicas diversas com as letras que compõem o alfabeto. Dentre tantas brincadeiras, surgiu “a amarelinha do alfabeto”, uma das brincadeiras criadas por nós bolsistas do PIBID, que teve grande destaque no processo de ensino-aprendizagem das crianças.

Por meio das nossas observações enquanto explorávamos o projeto proposto, percebemos o quanto essas brincadeiras são significativas na vida das crianças, principalmente quando se está fora da sala de aula. Sabe-se que a criança tem



necessidade de brincar no seu processo de desenvolvimento e quando conseguimos trazer a brincadeira com a aprendizagem, a brincadeira não se torna só lúdica, mas significativa. Com o propósito de não só brincar, mas aprender com essas vivências, é importante trabalharmos o alfabeto na Educação Infantil, pois por meio do alfabeto, a criança vai se alfabetizando e aprendendo a interpretar o mundo. Com isso, compreendemos que os pedagogos (as) precisam ter esse olhar diferenciado para as crianças, buscando algo atrativo e ao mesmo tempo significativo, contribuindo assim para o seu processo de alfabetização e letramento.

No entanto, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), relatam que as instituições têm o dever de acompanhar e orientar os/as pedagogos/as para a realização de atividades, isso é de dever de todos para poder desenvolver seus planejamentos baseando-se em referenciais teóricos, assessorando-nos na realização de brincadeiras e avaliação das crianças. Capacitando-os também, para uma prática consciente e significativa para o desenvolvimento pedagógico, tornando-nos assim sujeitos críticos.

Portanto, destacamos que a brincadeira “A amarelinha do alfabeto”, apresentada enquanto brincadeira para as crianças, possibilitou por meio de letras aleatórias que compõem o alfabeto, desafiar as crianças a relacioná-las com uma palavra que contém a inicial da letra. Nesse sentido, ao brincar, as crianças puderam fazer relações com letras e palavras.

Tivemos como objetivos específicos: Identificar as letras que compõe o alfabeto; analisar as palavras formadas pelas crianças a partir de uma letra do alfabeto; verificar qual a importância do brincar na Educação Infantil por meio das atividades propostas. Buscou-se nesta pesquisa, articular a teoria e prática pedagógica na Educação Infantil, servindo de base para outras pesquisas e auxiliando-nos nos planejamentos e percepções dos futuros pedagogos (as) por meio dos referenciais que nos auxiliaram para a conclusão desta pesquisa.

## **2 ALFABETIZAÇÃO E A BRINCADEIRA: É POSSÍVEL APRENDER?**

A alfabetização, independentemente do método utilizado, exige um caminho a ser perseguido e metas para alcançar este caminho. Porém, não se pode negar que há



métodos ineficientes, que mesmo acompanhados de planejamentos e metas, não conseguem atingir o objetivo final com rapidez e eficiência. Um fator bastante grande para esta ineficiência é a alfabetização sem contexto, ou seja, uma alfabetização que descarta a função social da escrita e da leitura, acarretando dessa forma em analfabetismo funcional. Não obstante, quando é tomado um tratamento dialógico da língua escrita, quando se percebe a palavra escrita como um diálogo interativo entre os homens, a linguagem e a alfabetização seguem outros caminhos.

Segundo Colello (2014, p. 5) “[...] a linguagem é transformadora dos sujeitos na medida em que eles se colocam na corrente comunicativa, constituindo-se como locutores e interlocutores, assumindo papéis e posturas”. Por esse motivo a linguagem na Educação Infantil é tão importante, pois quando inserimos as crianças no processo de alfabetização, tudo se torna mais fácil no aprendizado, assumindo assim esse papel de aprender individualmente e o compromisso de ser protagonista de sua história.

No entanto, nós professores precisamos estar preparados para os conteúdos que são problematizados pelos alunos. Quando surgem as dúvidas das crianças sabemos que é porque há interesse de aprender e conhecer o assunto abordado o que auxiliará no seu processo de ensino-aprendizagem.

Como ressalta Kleiman (2002, p. 101):

O trabalho pedagógico pode e deve chegar à observação e decomposição de elementos do texto (palavras, sílabas) como um dos meios de sistematização e memorização do código. Entretanto, ao se adotar a concepção de prática social da escrita no ensino, essa sistematização decorre de práticas de leitura coletiva e colaborativa que visam à ação individual do aluno, que busca a função e o uso dos textos lidos.

Por essa razão, fica claro que a alfabetização precisa ser indissociável de um contexto social, para que a função social da escrita e da leitura se concretize, e para que o sujeito se coloque como locutor e interlocutor diante das palavras – palavras essas que são mais do que simplesmente códigos e símbolos. Neste sentido, quando falamos da alfabetização como um processo de linguagem, falamos da necessidade de ser escrita e letrada para aquele que ensina e aprende.

Com isso, Kleiman afirma a importância de compreender a leitura para o nosso cotidiano e o quanto isso nos tornará sujeitos críticos construindo assim vários saberes.



Na concepção que enfatiza a dimensão social dos usos da língua se considera que o domínio das letras pelo aluno corresponde apenas aos aspectos de instrumentação. E, quando o aluno conhecer as funções sociais dos textos escritos, perceberá mais facilmente a necessidade de adquirir o código para poder ler e escrever independentemente; ou seja, ele conseguirá encontrar funções que tornem valiosa a aquisição desse instrumento. (KLEIMAN, 2002, p.103)

Os métodos socioconstrutivistas de alfabetização destacam a importância desse vínculo com o contexto social, unida com as práticas de letramento.

Na abordagem socioconstrutivista do processo de ensino/aprendizado, ênfase é dada ao trabalho com a leitura como atribuição do sentido ao texto e às atividades de sistematização de conhecimentos sobre a escrita e, desse modo, a alfabetização e o letramento constituem um todo indissociável. (MICOTTI, 2014, p.17)

Quando a alfabetização é tratada como um processo particular, baseado na mera decodificação de símbolos, a leitura constitui-se como uma atividade passiva, de sujeitos não-críticos, aumentando assim o índice de analfabetismo funcional. Contudo, quando este processo é vinculado com a prática de letramento, a passividade dá lugar a criticidade. Esta criticidade deve ser o objetivo mesmo da educação, por isso que, é de extrema importância que a alfabetização e o letramento sejam indissociáveis.

Além do mais, considerando a alfabetização e o letramento processos dialógicos e interativos, é fundamental e eficaz utilizar-se da brincadeira e do lúdico para executar o ensino-aprendizado. Pois “a criança desenvolve-se, essencialmente, através da atividade de brincar”. (VYGOTSKY, 1995, p.69)

Quando a prática pedagógica utiliza a brincadeira e o jogo, o aprendizado se torna mais fácil, inclusive quando se trata de alfabetização. Segundo Galvão (1995, p.72) “[...] para Wallon, a imitação é uma forma de atividade que revela, de maneira incontestável, as origens motoras do ato mental”. Para a teoria walloniana, o movimento e o aprendizado estão intimamente relacionados, de forma que, o movimento estimula e facilita a aprendizagem. Por isso que, um ensino arcaico, fundamentado em uma educação bancária, pode ser tão ineficaz.

Como coloca Vygotsky (1995, p.67) “[...] as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brincar, aquisições que no futuro torna-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade”. Portanto, a união do lúdico com o aprendizado é extremamente importante, e principalmente, eficaz.



A criança precisa do brinquedo e do jogo para desenvolver-se, e consequentemente, precisa de interação social.

O jogo pode configurar-se numa situação de aprendizagem infantil em que o desenvolvimento pode alcançar níveis mais complexos devido à possibilidade de interação entre os pares numa situação imaginária e pela negociação de regras de convivência e de conteúdos temáticos. Enquanto ações humanas, o jogo e a brincadeira são também construção de significados. Promovem conquistas cognitivas, envolvem emoção e afetividade, além de estabelecerem e romperem laços que permitem maior compreensão da dinâmica interna das relações entre as pessoas em um determinado contexto. (FANTIN, 2000, p.87).

A aprendizagem torna-se mais fácil quando é acompanhada da brincadeira, pois envolve emoção, interação e afetividade. Não obstante, a concretização dessa aprendizagem não se dá simplesmente para obter resultados de objetivos previamente estabelecidos, mas para a construção de um conhecimento, que se constrói na interação com o outro.

### 3 METODOLOGIA

Neste contexto a pesquisa problematizará o percurso de Legislação Educacional em nível Municipal (Criciúma- SC) no que diz respeito às questões de Alfabetização e Letramento na Educação Infantil. Por conseguinte, reunindo conceitos dos pesquisadores da área para agregar a discussão de uma pesquisa bibliográfica, às observações e intervenções. Essa pesquisa tem caráter descritivo das informações de dados detalhados através das experiências das PIBIDIANAS. O PIBID Pedagogia/Unesc, atua na escola Padre Paulo Petruzzellis da Rede Municipal de Criciúma- SC, com uma turma de 25 crianças de 4 e 5 anos de idade. A atividade apresentada surgiu por meio de um diagnóstico, no qual se percebeu a necessidade que as crianças tinham em reconhecer as letras do alfabeto. Essa intervenção foi feita por meio da brincadeira, sendo que os eixos das DCNEI, são as interações e as brincadeiras.

Dentre todas as atividades desenvolvidas, uma se destacou: “A amarelinha do alfabeto”, em que a atividade foi elaborada pelas pibidianas e desenvolvida no pátio do colégio, no qual teve a construção das crianças para iniciar a brincadeira. Com o uso de giz escolar, desenhamos quadrados conforme uma tradicional amarelinha. Dentro dos



quadrados as crianças escreveram letras do alfabeto aleatoriamente. Nesse contexto iniciou-se a brincadeira.

As crianças jogavam pequenas almofadas, com o objetivo de cair dentro de um dos quadrados, e com isso iam pulando conforme a ordem dos quadrados até chegar na letra onde caiu a almofada e assim cumprindo a regra de falar uma palavra referente a letra que estava dentro do quadrado, finalizando sua participação e dando vez ao próximo jogador.

Este projeto foi finalizado em forma de um relato de experiência, para ser utilizado como compreensão do tema abordado, aprimorando as práticas pedagógicas e provocando reflexões sobre o olhar pedagógico referente ao tema alfabetização e letramento, e as implicações do lúdico e das brincadeiras nesse processo.

## 5 CONCLUSÃO

À vista de tudo o que foi exposto, conclui-se que, a brincadeira é de importância singular para a concretização da aprendizagem na Educação Infantil, já que a criança possui a necessidade de brincar para desenvolver-se. Através da experiência do PIBID, em que utilizou-se do lúdico para trabalhar o alfabeto com crianças de 4 e 5 anos, observou-se que as mesmas puderam concretizar o objetivo da atividade que foi realizada, formando a partir de letras, palavras que estavam presentes em seu cotidiano, evidenciando a importância do letramento, que deve estar atrelado ao processo e à atividades de alfabetização.

Essa experiência agregou muito para nós enquanto pibidianas e futuras pedagogas, pois nos mostrou que muitas crianças da Educação Infantil possuem dificuldades motoras, e que não conhecem, ou sabem brincar de amarelinha, uma brincadeira que é considerada bastante comum entre infâncias de várias épocas. Além disso, nos fez enxergar a realidade das crianças, e arranjar um meio para inseri-las no contexto em que se encontravam. Diante desses desafios, tivemos que pensar em estratégias para melhor executarmos a atividade, o que acabou acarretando em um crescimento a nível de experiência e principalmente, de conhecimento, auxiliando em nossas atuais e futuras práticas pedagógicas



## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

COLELLO, Silvia M. Gasparian. Sentidos da alfabetização nas práticas educativas. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MORTATTI, Maria do Rosário Longo (org.). **Alfabetização e seu sentidos: o que sabemos, fazemos e queremos?** São Paulo: Editora Unesp, 2014. 352 p.

FANTIN, Mônica. **No mundo da brincadeira: jogo, brinquedo e cultura na Educação Infantil**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000. 244 p.

GALVÃO, Izabel. Henri Wallon. **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1995.

KLEIMAN, Angela. Alfabetização e letramento: implicações para o ensino. **Revista da FAGED**, Bahia, n.6, p. 99-112, 2002.

MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira. A construção da leitura e da escrita e o ensino. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MORTATTI, Maria do Rosário Longo (org.). **Alfabetização e seu sentidos: o que sabemos, fazemos e queremos?** São Paulo: Editora Unesp, 2014. 352 p.

VYGOTSKI, L. S. **O papel do brinquedo no desenvolvimento**. A formação social da mente. 4ed. São Paulo (SP): Martins Fontes, 1995. P.61-70.